



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
Curso de Bacharelado em Humanidades

**INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA  
INGLESA EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO DA UNILAB**

**VANESSA MARA AMORIM DA SILVA**

REDENÇÃO- CEARÁ

2014

VANESSA MARA AMORIM DA SILVA

**INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA EM  
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO DA UNILAB**

Monografia apresentada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Cunha da Silva.

REDENÇÃO- CEARÁ

2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira**  
**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**  
**Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL**  
**Catálogo na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

Silva, Vanessa Mara Amorim da.

S578i

Investigação e análise da aprendizagem da língua inglesa em contexto universitário da UNILAB. / Vanessa Mara Amorim da Silva. – Redenção, 2014.

83 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Cunha da Silva.  
Inclui referências.

1. Língua inglesa - Estudo e ensino. 2. Ensino-Aprendizagem de línguas. I. Título.

CDD 428.24

---

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**  
Coordenação do Bacharelado em Humanidades

VANESSA MARA AMORIM DA SILVA

**INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DA APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESA EM  
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO DA UNILAB**

TCC APROVADO EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cristina Cunha da Silva(Orientadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cláudia Regina Rodrigues Calado  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

---

Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho aos meus pais, por me incentivarem na realização dos meus planos de vida, e à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Cunha da Silva, pela paciência, excelente orientação e incentivo para que fosse possível a concretização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado força e paciência para superar as dificuldades.

Aos meus pais e a toda minha família pelo carinho, apoio e todo o esforço para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

À minha orientadora, Professora Dra. Ana Cristina Cunha da Silva, que teve toda paciência do mundo comigo, pelo incentivo e apoio, que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Àqueles que, mesmo de maneira indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

*“O conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanentes.”*

(Edgar Morin)

## RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo de investigar quais as principais crenças dos alunos de uma universidade pública, a saber, Unilab, e assim, descobrir quais as causas que contribuem para o sucesso ou fracasso do ensino de inglês, e ainda qual a influência que as crenças podem ter no processo de ensino e aprendizagem dessa língua. Essa pesquisa pretende apresentar algumas das crenças dos alunos entrevistados que podem justificar alguns insucessos na aprendizagem da língua inglesa. O trabalho ainda apresenta o referencial teórico baseado nos estudos de Barcelos (2001, 2007, 2011) Leffa (1999, 2001, 2011) Paiva (1997, 2003, 2011) Moita Lopes (1996, 2008) Gimenez (2011) entre outros. A pesquisa emprega ainda, como meio de coleta de dados, a realização de entrevistas a fim de captar as narrativas de aprendizagem de cada entrevistando. Por fim, realizamos a análise desses dados. Os resultados sugerem que os alunos se veem motivados a aprender a língua inglesa, visando à utilidade da aprendizagem da língua como uma ferramenta indispensável nos dias de hoje, que irá beneficiar a vida deles tanto no campo pessoal quanto no campo profissional.

**Palavras- chave:** Língua Inglesa; Crenças; Ensino-Aprendizagem de línguas; Alunos.

## **ABSTRACT**

This research aims at investigating which are the main beliefs of students of a public university to know which are the causes that contribute to the success or failure of the English teaching students of the discipline of English language, and yet their influence on learning this discipline. This research presents some of the beliefs of the students of the English language that can justify some failures in learning the language. This work also presents the theoretical framework based on the studies of Barcelos (2001, 2007, 2011) Leffa (1999, 2001, 2011) Paiva (1997, 2003, 2011) Moita Lopes (1996, 2008) Gimenez (2011) among others. The survey also employs as a means of collecting data the conducting interviews. Finally, we analyzed the data and the results suggest that students find themselves motivated to learn the English language, aiming at usefulness in learning the language as an essential tool these days that will benefit both their personal and professional life.

**KEY WORDS:** English language; Beliefs; Teaching and language learning; Students.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Lei de Diretrizes e Bases= LDB

Língua Estrangeira = LE

Parâmetros Curriculares Nacionais = PCN

## CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

(Adaptadas de Marcuschi, 2003)

E: Entrevistador (a)

A: Alunos identificados por (A1, A2, A3...)

(+): Pausas e silêncio

[...]: Interrupção de fala

MAIÚSCULAS: Entoação enfática

/ ... / = indica corte no segmento

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL</b>	<b>14</b>
2.1 ALGUMAS DAS RAZÕES PARA UM POSSÍVEL FRACASSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL .....	19
2.2 POR QUE PESQUISAR SOBRE AS CRENÇAS DE PROFESSORES E ALUNOS RELACIONADAS AO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA? .....	23
2.3 ALGUMAS DEFINIÇÕES DO CONCEITO DE CRENÇAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA .....	25
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
3.1 OBJETIVOS .....	28
3.2 QUESTÕES DE PESQUISA .....	28
3.3 HIPÓTESES .....	29
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE REGISTROS .....	29
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>32</b>
4.1 CRENÇAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE APRENDER INGLÊS E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA .....	32
4.2 CRENÇAS SOBRE O BOM APRENDIZ DA LÍNGUA INGLESA .....	34
4.3 CRENÇAS SOBRE A CAPACIDADE E APTIDÃO PARA APRENDER A LÍNGUA INGLESA .....	35
4.4 CRENÇAS SOBRE O PAPEL E A CONTRIBUIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA .....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO II .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO III .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao se observar o quadro do ensino de inglês no Brasil, em especial nas escolas públicas, tendo como base a leitura de alguns estudos (GURGEL, 2009; MIRANDA, 2005; ROLIM, 1998), percebe-se o descaso com que essa disciplina é tratada. Descaso por parte das autoridades governamentais que não investem o necessário para que haja um estímulo a esse ensino. (LEFFA, 2011)

Fatores como a falta de investimento já citada, além do tratamento irrelevante da língua inglesa, resultam no desinteresse tanto dos professores da língua como dos alunos. (LEFFA, 2011)

Muitos trabalhos foram desenvolvidos nessa área para investigar quais as crenças dos professores e alunos das escolas públicas, por autores como Barcelos, Paiva, Lima, Almeida Filho, Leffa, entre outros.

A presente pesquisa justifica-se pela sua importância no campo do ensino e aprendizagem de línguas. Por meio da investigação e da metodologia utilizada, espera-se que ela traga uma contribuição para o desenvolvimento de estratégias, abordagens e métodos que poderão contribuir para a melhoria do ensino de idiomas.

Além disso, a relevância em investigar crenças se justifica pela influência que elas exercem no processo de aprendizagem, de acordo com Madeira (2008), as crenças possuem influência direta no processo de aprendizagem e são capazes de influenciar tanto positivamente como negativamente todo o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Diante disso, esse trabalho tem como objetivo principal investigar quais são as crenças de alunos brasileiros, estudantes da disciplina de língua inglesa do curso de Bacharelado em Humanidades (doravante BHU) e alunos do Projeto de Extensão *English Club*, sobre o sucesso ou o fracasso do ensino e aprendizagem de língua inglesa no contexto universitário da Unilab. Ainda tivemos a curiosidade de investigar e identificar quais são alguns dos fatores e causas que desencadeiam alguns dos atuais problemas em relação à aprendizagem da língua inglesa neste ambiente.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. No capítulo 2, abordamos um breve histórico sobre o ensino de LE no Brasil, que contextualiza as principais mudanças e acontecimentos que ocorreram no campo de ensino de idiomas e que moldaram o sistema de ensino de línguas estrangeiras. Assim, tratamos de

apresentar esse histórico como um meio de compreender a origem das crenças dos alunos, ao passo que as crenças têm suas histórias moldadas no contexto, influenciadas por fatores sociais e históricos. Ainda, tratamos de apresentar algumas das razões que contribuem para o insucesso do ensino de inglês no Brasil nos últimos anos.

Ainda no capítulo 2, apresentamos a importância da investigação de crenças e ainda do ensino de inglês no Brasil. Ademais, tratamos de apresentar algumas definições do conceito de crenças.

Em seguida, no capítulo 3, discorreremos brevemente sobre a metodologia utilizada neste estudo, com base na pesquisa qualitativa. Nesse capítulo ainda são apresentados detalhes acerca do cenário da pesquisa e dos participantes, assim como do método aplicado na coleta dos dados e a sua análise.

No capítulo 4, apresentamos as principais crenças dos alunos coletadas através das entrevistas, assim como a discussão desses dados.

Por fim, no capítulo 5, encerramos com uma breve conclusão, ressaltando a importância da investigação das crenças e os resultados obtidos por meio da análise destas.

## **2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL**

O interesse pelo ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras se faz presente ao longo do percurso da humanidade. Ao observar todo o contexto histórico do ensino de línguas estrangeiras pelos povos é notável que desde as antigas civilizações até os dias atuais, os povos sentem necessidade de aprender outros idiomas com finalidades comerciais, culturais, bélicas, mediação entre povos para realização de interesses políticos e comerciais. (SILVEIRA,1999)

As maiores mudanças no ensino de inglês são percebidas na diminuição da carga horária, na falta de uma política clara e que demonstre maior interesse na disciplina de inglês, na formação continuada de professores, que enquanto nas escolas particulares de idiomas são oferecidos cursos de aperfeiçoamento para os seus professores, não ocorre o mesmo no ensino público. (CELANI, 2009)

A importância de apresentar o contexto histórico que circunda o ensino de LE no Brasil se justifica como um meio de compreender a origem das crenças dos professores e alunos, uma vez que esses têm suas histórias moldadas nesse contexto (COELHO, 2005).

Sobre o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, Leffa (1999) comenta da perceptível ênfase no ensino de línguas presente na tradição brasileira, diante disso, acerca da língua inglesa no Brasil, destacam-se fatores econômicos e culturais que contribuíram para o surgimento da necessidade e da ênfase na aprendizagem de inglês, como destacado por Paiva (2003, p.55), que relata que no período

“após a Segunda Guerra Mundial se intensificou a dependência econômica e cultural brasileira em relação aos Estados Unidos, aumentando a necessidade e o desejo de se aprender inglês (...)”

Nesse sentido, a importância do ensino da língua inglesa no Brasil é destacada por estar relacionada a questões tanto econômicas como culturais, que ocorreram no período após a segunda guerra mundial.

Podemos relatar sobre os principais pontos históricos que marcaram o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, destacando fatos que levaram o ensino de língua inglesa a sua atual situação.

No período colonial, era dominante o ensino de línguas clássicas, como grego e latim, e posteriormente as línguas modernas: francês, inglês, alemão e italiano, e mais recente, o espanhol. Com a chegada da família real no Brasil, em 1808, posteriormente houve a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e finalmente a reforma de 1855, em que o currículo da escola secundária começou a evoluir para dar ao ensino das línguas modernas um status pelo menos semelhante ao das línguas clássicas. Ocorrendo que o ensino de línguas modernas (inglês e francês, por exemplo) apresentou dois problemas graves: a falta de adequação da metodologia, pois a metodologia que estava sendo utilizada era a mesma utilizada para o ensino das línguas mortas, que era o método clássico ou gramática-tradução. (LEFFA, 1999).

Mesmo ainda durante o período imperial. iniciou-se a decadência do ensino de línguas. Apesar de não haver estatísticas exatas sobre aspectos importantes relacionados ao ensino de línguas desse período, Leffa (1999, p.5) comenta que muitas das mudanças que ocorriam dependiam de

Decisões locais tomadas pelas congregações das escolas tais como a carga horária semanal de cada língua ensinada, o que se tem, através de leis, decretos e portarias, mostram uma queda gradual no prestígio das línguas estrangeiras na escola. (p.5)

Mudanças envolvem o sistema educacional brasileiro, desde o século XIX, juntamente com sucessivas reformas pelas quais o ensino de língua inglesa tem sido negligenciado e tratado indevidamente, chegando a ser até mesmo excluído da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgadas em 1961 e 1971 (SANTOS, 2011).

Por volta de 1889, o ensino de línguas estrangeiras deixa de ser obrigatório, passando a ser opcional. Com a Proclamação da República, o Marechal Deodoro da Fonseca criou o Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, assumido por Benjamin Constant. As línguas inglesa e alemã passaram a ser opcionais no currículo. Somente no Ministério de Fernando Lobo (1892) e também de Epitácio Pessoa (1900), o ensino dessas línguas voltou a ser obrigatório. (LEFFA, 1999)

Duas importantes reformas no sistema educacional brasileiro que envolvem o ensino da língua inglesa são: a reforma Francisco de Campos, que ocorreu em

1931, e a reforma Capanema, no ano de 1942. A reforma Francisco de Campos é conhecida por ser a primeira a ocorrer no sistema educacional brasileiro. Foi realizada pelo então ministro da educação e saúde Francisco de Campos. Segundo Chagas (1957 apud LEFFA, 1999) por meio dela havia o propósito de "soerguer a educação de segundo grau do caos e do descrédito em que fora mergulhada". Extinguiu-se a frequência livre e instituiu-se o regime seriado obrigatório, visando não apenas preparar o aluno para a universidade, mas proporcionar a formação integral do adolescente.

No que concerne ao ensino de línguas, Leffa (1999) comenta que

A reforma de 1931 introduziu mudanças não apenas quanto ao conteúdo, mas principalmente quanto à metodologia de ensino. Em termos de conteúdo, foi dada mais ênfase às línguas modernas, não por um acréscimo em sua carga horária, mas pela diminuição da carga horária do latim. A grande mudança, porém, foi em termos de metodologia. Pela primeira vez introduzia-se oficialmente no Brasil o que tinha sido feito na França em 1901: instruções metodológicas para o uso do método direto, ou seja, o ensino da língua através da própria língua. (LEFFA, 1999, p. 7)

Assim como ocorreu de 1931, a reforma Capanema preocupou-se muito com a questão metodológica, tendo como principal objetivo de democratizar o ensino, ao nivelá-lo no em um mesmo padrão.

O ensino passou a ser dividido em dois tipos: ginásio, com duração de quatro anos e o segundo com duração de três anos e com duas ramificações: clássico e científico. Leffa (1999) comenta a importância com que o ministro Capanema, na sua exposição de motivos, ao apresentar o projeto ao governo, reforça a ideia de que o ensino não deve ficar apenas nos aspectos instrumentais, ou seja, ele propunha "um ensino pronunciadamente prático" (p.10), e que além dos objetivos instrumentais, deveriam existir objetivos educativos e culturais, que contribuíssem para o desenvolvimento dos hábitos de observar e refletir, assim como a formação da mentalidade (LEFFA, 1999).

A Reforma Capanema foi muito criticada por alguns educadores por suas características nacionalistas. Leffa (1999, p.10) ressalta que, no entanto, foi

(...) paradoxalmente, a reforma que deu mais importância ao ensino das línguas estrangeiras. Todos os alunos, desde o ginásio até o científico ou clássico, estudavam latim, francês, inglês e espanhol. Muitos terminavam o ensino médio lendo os autores nos originais e,

pelo que se pode perceber através de alguns depoimentos da época, apreciando o que liam, desde as élogas de Virgílio até os romances de Hemingway. Visto de uma perspectiva histórica, as décadas de 40 e 50, sob a Reforma Capanema, foram os anos dourados das línguas estrangeiras no Brasil.

O estabelecimento da LDB<sup>1</sup> de 1961 foi o ponto inicial do fim dos “anos dourados” da língua inglesa no Brasil, pois essa lei retirava a obrigatoriedade do ensino de LE do ensino médio, atual ensino básico, e deixava a cargo dos conselhos estaduais a opção pela sua inclusão nos currículos das últimas quatro séries do ensino fundamental.

Segundo Paiva (2003), tanto “a LDB de 1961 quanto a LDB de 1971 ignoram a importância das línguas estrangeiras ao deixar de incluí-las dentre as disciplinas obrigatórias: Português, Matemática, Geografia, História e Ciências” (p.58). Além disso, a autora afirma que

anão obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira trouxe como consequência a ausência de uma política nacional de ensino de línguas estrangeiras para todo o país; a diminuição drástica da carga horária, chegando a apenas uma aula por semana em várias instituições (...) (p.59)

Enfim, essa falta de obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras nas escolas se constitui como uma barreira para o desenvolvimento do ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Paiva (2003, p. 62) comenta que “algumas ações governamentais e algumas brechas na LDB demonstram que o ensino de idiomas ainda é visto como algo pouco relevante ou descolado dos projetos pedagógicos”. Dessa forma, percebemos que esse tipo de ação contribui para a descrença de que não é possível aprender línguas estrangeiras nas escolas públicas, e sim em cursos particulares, assim como contribuem como aumento da demanda de estudar idiomas em cursos particulares no Brasil.

Segundo Coelho (2005,p.21), “por volta da década de 70,a elite brasileira percebe a importância de se aprender inglês e começam a aparecer os cursos de idioma e as viagens educativas e de intercâmbio para os EUA”.

Acerca disso, Rajagopalan (2003 apud COELHO, 2005) comenta que foi um período marcado pela ênfase de se aprender inglês para a comunicação com

---

<sup>1</sup>A LDB define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição.

nativos do idioma, assim como destaca a velocidade com que se espalhou a ideia desses cursos.

Mais adiante, no ano de 1996, foi instaurado a LDB nº 9.394, que inclui uma língua estrangeira, de caráter obrigatório, no currículo do ensino fundamental e médio. Sobre essa inclusão, Leffa (1999) explicita que:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (Art. 26, § 5º apud LEFFA, 1999, p.7)

Além da inclusão dessa disciplina, é determinado o ensino de outra disciplina com caráter opcional, no nível médio. A lei ordena que seja "incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição" (Art. 36, Inciso III apud LEFFA, 1999).

Como complemento a essa nova LDB de 1996, foram publicados pelo MEC os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental em 1998. Segundo Paiva (2003), o documento minimiza a importância do ensino das habilidades orais, afirmando que "somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral". A autora ainda destaca que

O documento, em vez de impulsionar mudanças na realidade para a implementação de um ensino de qualidade, apresenta uma justificativa conformista e determinista ao propor um ensino de LE recortado pela habilidade de leitura, desconhecendo, diferentemente do resto do mundo, a relevância da oralidade. (PAIVA, 2003, p.65)

Diante disso, observamos que esse documento reflete uma aparente falta de interesse em proporcionar a aprendizagem de habilidades que são fundamentais na comunicação, como a da oralidade (*speaking*). E ainda, transmite a ideia de que as próprias leis e regulamentos criados para regerem o próprio sistema de ensino acabam se constituindo um obstáculo para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras onde o contato com o ensino e aprendizagem das habilidades não é oferecido. Na próxima seção, apresentaremos algumas das

razões que podem contribuir para um ensino e aprendizagem da língua inglesa não ser bem sucedido.

## **2.1 ALGUMAS DAS RAZÕES PARA UM POSSÍVEL FRACASSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL**

Estudar sobre fatores e causas que podem contribuir para o insucesso do ensino e aprendizagem da língua inglesa no Brasil, com base na leitura de estudos (GURGEL, 2009; MIRANDA, 2005; ROLIM, 1998) que discutem sobre o quadro atual de ensino e aprendizagem da língua inglesa, inicialmente, nos faz tirar algumas conclusões que apontam para um descaso com o ensino de língua inglesa em escolas públicas.

Leffa (2011, p.16) descreve o atual quadro do ensino de língua inglesa no Brasil com a seguinte expressão: “Carnavalização do ensino”, no que se refere ao abandono e a desordem do atual estado do ensino e aprendizagem de Inglês, como “(...) quando administradores, professores e alunos circulam da ordem para a desordem e vice-versa, ou seja, a falta de crescimento, progressão e expansão no ensino e aprendizagem.”(LEFFA, 2011, p.16)

Segundo Leffa (2011), há várias maneiras de ver o insucesso do ensino de língua inglesa. A primeira seria, quando professores e alunos relacionam o insucesso do ensino de língua inglesa como resultado do descaso do governo em relação ao ensino, que cria leis e que não são cumpridas.

O autor ainda aponta mais um problema, que seria a falta de qualificação dos profissionais do magistério, sendo esta uma barreira que impede todas “as iniciativas de crescimento e expansão do ensino”.O autor considera que a busca de alcançar objetivos é essencial para uma boa aprendizagem e aponta que a principal explicação para o aluno que não estuda seria a falta de objetivo do próprio aluno quando está na escola e que não tem a consciência da importância de adquirir conhecimento e dos benefícios disso para o seu futuro.

Embora haja as políticas educacionais e exista a necessidade, nos dias de hoje, da aprendizagem e ensino de língua inglesa no Brasil, Paiva (2003) assevera

que a existência de políticas educacionais não se constitui em motivos suficientes para que ocorra a melhoria do ensino da língua no país. Também aponta que,

As políticas educacionais nunca lhe asseguraram uma inserção de qualidade em nossas escolas. Em busca dessa qualidade, as classes privilegiadas sempre procuraram garantir a aprendizagem de línguas nas escolas de idiomas ou com professores particulares, mas os menos favorecidos continuam à margem desse conhecimento (PAIVA, 2003, p. 57)

Ao lermos a citação acima, podemos observar que o ensino de língua inglesa no Brasil é discriminatório, ao mesmo tempo em que o indivíduo que está aprendendo a língua e adquirindo um conjunto de conhecimentos essenciais que o permitem aproximar-se de várias culturas, como também integrá-lo no mundo globalizado (BRASIL, 2000 apud OLIVEIRA, 2011), também funciona como um mecanismo de exclusão.

Gimenez (2011) enfatiza tal fato afirmando que

o ensino e aprendizagem da língua inglesa não discriminam apenas porque não permite contato com outras culturas a quem não tem conhecimento da língua, mas também porque dentro do próprio país, funciona como um mecanismo de exclusão.

De acordo com essa afirmação, percebemos que o ensino da língua inglesa no Brasil possui um aspecto excludente, e por não possibilitar um ensino de qualidade para os alunos de escolas de ensino regular, e ainda pela língua inglesa no Brasil possuir um *status* de prestígio.

Nesse sentido, Paiva (1996) afirma que

A língua inglesa no Brasil tem um valor simbólico na cultura brasileira, geralmente significando *status* social e engendrando para seus usuários possibilidades de identificação com uma sociedade poderosa do ponto de vista político e econômico, a sociedade americana. (PAIVA, 1996 apud SOUZA, 2011, p. 139)

Além desse status atribuído à língua inglesa no Brasil, há o preconceito que relaciona diretamente o ensino e aprendizagem de língua inglesa exclusivo a pessoas de classes mais privilegiadas, esse tipo de preconceito que se manifesta na sociedade e que contribui para o surgimento de crenças, tais como: “o ensino de língua inglesa não é necessário a pessoas das classes mais baixas” ou “por que pessoas de condições desfavorecidas querem aprender a língua inglesa se eles não terão oportunidade de viajar para países de língua inglesa ou utilizarão a língua em

algum momento?”. Paiva (2011) aponta que esse preconceito que discrimina pessoas de classes desfavorecidas a terem acesso ao ensino da língua inglesa começou a se manifestar na década de 1930, com a penetração do inglês em nossa cultura e foi disseminado por meio da música, anúncios de jornais e revistas, etc.

Para Souza (2011, p. 140), “esse *status* é também fruto de iniciativas estratégicas dos cursos privados que oferecem serviços instrucionais de ensino do inglês.” Diante disso, é interessante observar como a mídia também tem o seu papel na contribuição em divulgar a crença de que “só se aprende língua inglesa em cursos privados”, resultando com uma contribuição negativa, mesmo que indiretamente, com o insucesso do ensino de língua inglesa, por transmitirem a ideia da impossibilidade da aprendizagem da língua inglesa por outros meios, além das escolas de idiomas.

Moita Lopes (1996 apud SIQUEIRA, 2011), comenta que por trás de discursos excludentes como “Só se aprende a falar uma língua estrangeira em cursos particulares.” Assim, esse tipo de discurso contribui na construção de ideologias que visam levar as classes subalternas a acreditarem em suas deficiências, impedindo-as de alterar o processo da história, do ensino excludente e elitizado.

Além de algumas das razões já aqui apresentadas, na tentativa de justificar algumas das razões que contribuem para o insucesso do ensino de língua inglesa no Brasil, Leffa (2005) comenta que o fracasso do ensino de inglês também pode ser encarado como um problema metodológico ou político, como destacado a seguir:

Vemos o ensino de LE<sup>2</sup> como um problema metodológico quando estamos preocupados, por exemplo, com a atuação do professor na sala de aula, com a ênfase na escrita ou na fala, com a melhor maneira de ensinar determinado conteúdo. Vemos o ensino da LE como problema político quando nos preocupamos, por exemplo, com a escolha de uma língua estrangeira que um aluno de uma determinada comunidade deve estudar, com o impacto da hegemonia de certas línguas sobre outras, com a possibilidade de colonização da mente do professor ou do aluno (...). (LEFFA, 2005, p.203 apud SIQUEIRA, 2011, p. 105)

Diante dessa afirmação, o autor, ao falar do problema na perspectiva política, relacionado ao ensino de uma língua estrangeira, apresenta uma questão recorrente

---

<sup>2</sup> LE = sigla para Língua Estrangeira

no ensino de inglês no Brasil, que é alienação de professores e alunos quanto à visão que os mesmos possuem acerca da língua e da cultura inglesa, em que alunos brasileiros e professores demonstram uma atitude de encantamento e fascínio exagerado. Em relação a essa questão, Rajagopalan (2011) comenta que:

Tanto a adulação cega quanto a rejeição sumária à língua inglesa são reações extremas (...) embora o entusiasmo e a “empolgação” sejam um estímulo a mais e um fator facilitador na aprendizagem não só de um idioma, mas de qualquer outra coisa, devemos agir com muita prudência e pragmatismo (...) (RAJAGOPALAN, 2011, p.63)

Assim sendo, essa questão vem a ser um problema quando a admiração diante da cultura e da língua estrangeira passa a ser exagerada, pois isso pode se tornar uma ameaça à identidade do aprendiz, possibilitando o enfraquecimento da sua identidade cultural e, em consequência disso, pode ocasionar até mesmo na perda de seus valores e tradições.

O problema da alienação de professores e alunos no Brasil frente ao ensino da cultura inglesa e da questão das regras sociais de uso da língua, para Rajagopalan (2011, p.62) é uma questão compreensível em países pertencentes ao “círculo em expansão<sup>3</sup>” da língua inglesa. Esses países se distinguem dos outros, chamados de “países de círculo externo”, por terem tido pouco contato com o mundo anglo-saxão.

Os países do “círculo em expansão” (como o Brasil, Japão, China, por exemplo), segundo a classificação de Kachru (1985 apud RAJAGOPALAN, 2011), são aqueles em que a língua inglesa é considerada como algo valioso, num mundo que está se globalizando com tanta rapidez. Diante disso, percebe-se a grande importância em que seja observada a realidade do ensino de língua inglesa nos países de terceiro mundo.

A seguir, na próxima seção, apresentaremos a justificativa da pesquisa e a importância de se investigar as crenças dos alunos, como proposto anteriormente.

---

<sup>3</sup>Denominação de acordo com o modelo de divisão de países elaborado por Kachru (1985) – três círculos concêntricos do inglês - em que estes são divididos por três diferentes círculos, a saber: o ‘círculo interno’ (países que falam a língua como língua materna, por exemplo, Canadá, USA, Austrália, Inglaterra, etc...); o ‘círculo externo’ (países que adotam a língua inglesa como segunda língua, por exemplo Índia, Singapura, Filipinas etc...) e o ‘círculo em expansão’ (os países que adotam e ensinam a língua inglesa em caráter de língua estrangeira, como é o caso de países como o Brasil, Japão, China etc...) (EL KADRI, M. R.; GIMENEZ, T., 2013)

## **2.2 POR QUE PESQUISAR SOBRE AS CRENÇAS DE PROFESSORES E ALUNOS RELACIONADAS AO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA?**

Nos últimos anos, tem aumentado o interesse de pesquisadores na área da linguística aplicada e estudos relacionados ao ensino e aprendizagem de línguas em desenvolver pesquisas relacionadas ao conceito de crenças. Pesquisadores como Barcelos, Paiva, Silva, Gimenez, Zolnier, entre outros, têm desenvolvido seus trabalhos acerca desse conceito e da sua investigação.

Um dos principais interesses em pesquisar sobre as crenças refere-se à hipótese de que as crenças podem exercer influência no processo de ensino e aprendizagem de uma língua, seja de forma negativa ou positiva. Isso, por elas serem compostas de aspectos emocionais, sentimentais e expectativas do indivíduo, e ainda pela sua formação ser influenciada por experiências pessoais e pelo contexto em que este indivíduo está inserido.

Nessa pesquisa, temos a curiosidade em compreender a influência das crenças no fracasso ou sucesso do ensino e aprendizagem de língua inglesa. De acordo com o resultado de algumas pesquisas (GURGEL, 2009; MIRANDA, 2005; ROLIM, 1998) o ensino de línguas estrangeiras, em especial a língua inglesa, tendo as escolas públicas como sendo o maior prejudicado, encontramos um clima de frustração por parte de professores que se veem desmotivados com as condições do ensino de língua inglesa em escolas públicas, em consequência de diversos fatores como as condições dos estabelecimentos de ensino, a falta de motivação dos alunos, a escassez de material didático e a falta de oportunidade para dar continuidade à sua formação, entre outros fatores que contribuem para o surgimento dessas crenças.

Devido ao quadro atual do ensino no Brasil é que o ensino de língua estrangeira também é prejudicado, tanto pela carga horária reduzida das aulas, como pelo grande número de alunos nas turmas de LE. Segundo Paiva (1997), argumentos como esses podem se constituir em crenças, como uma forma de justificar que não é possível aprender inglês em escola pública.

Moita Lopes (1996) comenta que o campo do ensino e aprendizagem de LE está sendo vítima de uma série de mitos, resultantes da falta de reflexão acerca do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Esses mitos/crenças são referentes a diversos fatores, como o local adequado para se aprender a língua inglesa; o *status* da língua no Brasil, por exemplo, onde a língua inglesa possui um *status* de prestígio, assim como um ensino excludente, que traz um preconceito construído desde o início do ensino de inglês no Brasil.

Paiva (2011), por exemplo, destaca o preconceito demonstrado contra pessoas de classes desfavorecidas em ter acesso ao aprendizado da língua inglesa.

Seguem abaixo algumas das crenças identificadas pelos autores citados:

- “Não sabem nem português, para que aprender inglês!” (MOITA LOPES, 1996, p. 63).
- “O curso livre é o lugar para se aprender LE.” (PAIVA, 1997, p. 13).
- “Sem equipamento audiovisual é impossível desenvolver um bom curso.” (PAIVA, 1997, p.14).

Assim, essas crenças por serem formadas levando em consideração a influência que recebem do contexto, e por serem compostas de sentimentos e experiências dos indivíduos, podem tanto beneficiar a aprendizagem como podem contribuir de forma prejudicial ao progresso e melhoria do ensino de uma língua estrangeira.

Entre os vários autores que defendem a investigação de crenças, é possível citar Barcelos (1995), que acredita que as crenças e atitudes dos alunos têm profundas influências em sua aprendizagem e contribuem significativamente para a confiança deles como aprendizes. Essa autoconfiança, ou capacidade de correr riscos, está relacionada com a crença em sua habilidade de influenciar os resultados da aprendizagem e tem origem em suas experiências prévias. De forma semelhante, Barcelos afirma que

As concepções e percepções do aprendiz sobre ensino e aprendizagem de línguas e sua maneira de lidar com esse processo desempenham um papel importante na criação do estabelecimento de confiança mútua com o professor. (BARCELOS, 1995, p.12)

Essa parceria estabelecida entre professores e alunos se constitui em um dos principais pontos que contribuem para o sucesso do ensino e aprendizagem em geral. Leffa (2011) defende o estabelecimento de uma cumplicidade entre aluno e professor como fundamental para a solução de problemas referentes a ensino e aprendizagem.

A relevância da investigação das crenças dos alunos em relação ao ensino e aprendizagem da língua inglesa torna-se fundamental para que o professor tenha conhecimento acerca dos interesses e expectativas de seus alunos contribuindo, assim, para a realização de atividades baseadas nos interesses dos alunos.

Dessa maneira, este trabalho pretende investigar as crenças de alunos de uma universidade pública, a saber, Unilab, para saber quais são as causas que contribuem para o sucesso ou fracasso do ensino de inglês nela, e ainda são apresentadas ideias e percepções dos alunos acerca do ensino e aprendizagem da língua inglesa neste ambiente.

Na próxima seção trataremos de discutir algumas definições do conceito de crenças, relacionados ao ensino-aprendizagem de línguas presentes na literatura da área.

### **2.3 ALGUMAS DEFINIÇÕES DO CONCEITO DE CRENÇAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Nesta seção serão apresentadas algumas definições do conceito de crenças. Segundo Barcelos (2006), o conceito de crenças é tão antigo quanto nossa existência, pois desde que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo. É um conceito complexo para o qual existem várias definições e termos. A autora destaca que o conceito de crenças não é específico da linguística aplicada, mas é antes um conceito antigo em outras áreas do conhecimento como medicina, antropologia, sociologia, psicologia, educação e filosofia.

Em relação à formação das crenças, além de envolver componentes cognitivos (emoção, memória percepção e atenção), também possuem o caráter social, porque nascem de nossas experiências e problemas, da interação do indivíduo com o contexto e da sua capacidade de refletir e pensar sobre o ambiente em que ele está inserido. Nesse sentido, Barcelos (2001, p. 85) afirma que “as

crenças são formadas pela cultura dos alunos e pelos contextos sociais nos quais eles estão inseridos.”

O interesse na investigação e estudo das crenças na área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras tem aumentado em função da influência que elas exercem, tanto sobre professores quanto alunos, assim como na maneira que todo o processo de ensino e aprendizagem de uma nova língua é abordado, como afirma Charles Peirce em seu ensaio chamado “*The fixation of belief*” (1877):

As nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas ações (...) O sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa natureza algum hábito que determinará as nossas ações. (PEIRCE, 1877, p.4, tradução nossa)

De forma semelhante à definição de Peirce, Gimenez (2011) destaca a relação estreita entre as experiências vividas e as crenças que se desenvolvem a partir delas. A autora define crenças como

Significações construídas e reconstruídas ao longo de uma trajetória de vida são ao mesmo tempo individuais e coletivas. Na inter-relação entre os sentidos atribuídos pelo sujeito às suas experiências e os sentidos disponíveis na coletividade vão se constituindo as identidades. (GIMENEZ, 2011, p.52)

Dessa forma, as crenças refletem experiências do indivíduo, sentimentos, emoções, assim como recebem na sua formação influências externas, referentes ao contexto em que o possuidor da crença está inserido. Deste modo, quando se refere ao ensino e aprendizagem, as crenças que o aprendiz possui, por se referirem à maneira como ele enxerga, idealiza e vivencia o processo de ensino, se constituem em ações, que o beneficiarão ou prejudicarão no seu processo de aprendizagem.

Para Barcelos (2006), crenças se referem a uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. Semelhante à definição de Barcelos, Horwitz (1987 apud CONCEIÇÃO, 2006) define crenças como "ideias

preconcebidas ou noções a respeito de aspectos que envolveriam a aprendizagem de uma língua estrangeira”.

Assim, podemos entender que as crenças se revelam como formadas por uma configuração complexa de fatores, como destaca Madeira (2008), e que podem influenciar tanto de forma positiva ou negativa a aprendizagem dos alunos.

No próximo capítulo serão apresentados alguns meios utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, serão descritos os participantes e o contexto da investigação, bem como os instrumentos utilizados para a coleta de dados e os procedimentos de análise de dados.

### **3 METODOLOGIA**

Neste capítulo serão apresentados alguns meios utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, serão descritos os participantes e o contexto da investigação, bem como os instrumentos utilizados para a coleta de dados e os procedimentos de análise de dados.

#### **3.1 OBJETIVOS**

A pesquisa tem como objetivo principal investigar as crenças sobre as possíveis causas do fracasso do ensino/aprendizagem da Língua Inglesa no Brasil, que se fazem presentes na ideologia dos alunos de Inglês. Temos ainda os seguintes objetivos específicos:

- Investigar as crenças sobre as possíveis causas e fatores que contribuem para o sucesso ou insucesso do ensino e aprendizagem de língua inglesa na Unilab.
- Investigar em que parte da história do Brasil, que comportava a educação/ ensino de língua Inglesa, se vê o início das crenças.
- Apresentar o conceito de crenças na opinião de alguns linguistas e relatar como o assunto vem sendo trabalhado desde o surgimento desse conceito na área de estudos da linguística aplicada.
- Identificar as crenças dos alunos brasileiros através da metodologia proposta.

#### **3.2Q UESTÕES DE PESQUISA**

A partir dos objetivos acima propostos, procuramos responder às seguintes questões que serviram de base para a pesquisa:

1. Quais são as crenças dos alunos sobre o fracasso ou sucesso do ensino e aprendizagem de Língua Inglesa na Unilab?
2. Em que parte da história do Brasil, que aborda a educação/ ensino de língua Inglesa, vê-se o início (ou instalação) das crenças de que o inglês não é necessário?
3. Qual a influência exercida por essas crenças no processo de ensino e aprendizagem de língua Inglesa?

### 3.3 HIPÓTESES

Os estudos preliminares apontam razões históricas relacionadas à ideologia das elites sobre a real necessidade da língua inglesa no quadro de necessidades dos componentes curriculares da escola pública (MOITA-LOPES, 1996), e a existência de uma descrença geral no meio educacional em relação ao ensino e aprendizagem de língua inglesa no Brasil.

O ensino da língua que permanece num estado de abandono e descaso, a falta de uma educação continuada, e que persiste em alcançar objetivos. São alguns desses argumentos que podem se constituir em crenças que são usadas para justificar que não é possível aprender inglês em escola pública, predominando o discurso de que o lugar ideal para aprender a língua inglesa é em escolas particulares ou cursos livres de idiomas, contribuindo assim na formação de crenças que poderão se constituir em obstáculos para o ensino e aprendizagem da língua.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE REGISTROS

A análise dos dados desta pesquisa foi feita com base nas respostas dos alunos participantes ao instrumento de pesquisa utilizado, ou seja, a ficha do informante e a entrevista semi-estruturada.

### 3.5. CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

Ao todo, foram ouvidos 10 informantes escolhidos através de um questionário (o que veio a ser chamado posteriormente de **Ficha do Informante (ver anexo I)**), respondido previamente em sala de aula com o propósito de colher informações básicas de cada indivíduo.

Muitas das informações pertinentes às variáveis sociais registradas nesse questionário vieram a facilitar o critério de escolha dos participantes. Determinou-se a escolha de falantes nascidos no Brasil, com idade entre 18 e 22 anos, de ambos os sexos.

#### 3.5.1 ALUNOS

Os participantes são

- alunos de graduação,
- com idades entre 18 e 22 anos,
- Oriundos da cidade de Fortaleza e cidades do interior como Redenção, Acarape, Guaiúba, Aracoiaba, Barreira e Pacoti.
- 70% estudaram em escolas públicas e 30% em escolas particulares.
- 70% dos participantes afirmam ter dificuldade na habilidade de pronúncia, 30% afirmam ter dificuldade na gramática.
- 10% dos participantes frequentaram curso particular de línguas.

### **3.6. COLETA DE DADOS**

O *corpus* desta pesquisa se constitui de entrevistas com alunos da disciplina de língua inglesa do curso de Bacharelado em Humanidades e com alunos do Projeto de Extensão *English Club* (dentre eles, há alguns alunos do curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) na cidade de Redenção, Ceará.

O corpo de entrevistas foi coletado pela Profa. Dra. Ana Cristina Cunha da Silva para fins de levantamento de dados para seu projeto de pesquisa intitulado “Laboratório multicultural de análise, processamento e treinamento de pronúncia de língua inglesa (Elementos segmentais e suprasegmentais)” nos meses de maio, junho e julho de 2014.

#### **3.6.1 Instrumento de coleta de dados: as entrevistas**

As entrevistas, gravadas em áudio e realizadas com o consentimento dos participantes, tiveram duração variando de 15 a 30 minutos.

Felizmente, não houve nenhuma objeção dos sujeitos em participar da pesquisa. Ao contrário, todos se mostraram interessados em contribuir com o trabalho.

As entrevistas são compostas de duas partes: a primeira com o objetivo de obter informações sobre dados pessoais dos sujeitos (nome, idade, naturalidade), sua trajetória educacional (cultura de aprender língua inglesa), e sobre alguns outros aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem de língua inglesa. A segunda parte

teve como objetivo obter informações sobre as considerações dos participantes sobre eles próprios como aprendizes da língua inglesa, assim como algumas a contribuição ou não do inglês nas suas vidas e as suas considerações sobre a língua inglesa para eles e para o mundo contemporâneo. O roteiro das entrevistas encontra-se no Anexo II.

Os locais escolhidos para a realização das entrevistas foram lugares com menor possibilidade de interferência e barulho externos, como salas de aulas do *campus* da liberdade (Unilab) em Redenção, Ceará. Todas as entrevistas foram transcritas (na semana subsequente à sua realização) para facilitar a visualização e manuseio dos dados.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos através da análise dos dados coletados. Na primeira parte, analisamos e discutimos os discursos dos dez alunos entrevistados. Na segunda parte, apresentamos um quadro com as crenças dos alunos, que objetiva atender a um dos objetivos específicos propostos na pesquisa.

As crenças dos alunos foram analisadas segundo os dados coletados através das entrevistas e entre as detectadas estão relacionadas aos seguintes eixos temáticos: 1. A importância da língua inglesa; 2. O bom aprendiz de inglês; 3. Contribuição da língua inglesa; 4. Capacidade e aptidão para aprender a língua inglesa. Os entrevistados ainda relataram sobre as suas experiências anteriores como estudantes de inglês e a experiência atual como estudantes de inglês na universidade.

### **4.1 Crenças sobre a importância de aprender inglês e as suas implicações na aprendizagem da língua inglesa**

Nesta seção serão apontados e discutidos os discursos e as crenças dos alunos em relação à importância de aprender a língua inglesa. Os discursos foram analisados por meio das seguintes questões: Qual a importância da língua inglesa para você hoje em dia? Quando você imagina que poderá usar a língua inglesa em sua vida?

Com base nos dados, os alunos demonstraram estar bastante motivados e ter boas expectativas acerca da aprendizagem da língua inglesa na Unilab. Diante disso, podemos afirmar que esse é um dos fatores fundamentais na contribuição do sucesso na aprendizagem de inglês.

Nos dados coletados podemos encontrar as considerações dos alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa, que afirmaram considerar fundamental para sua aprendizagem, tanto no que se refere ao atual contexto brasileiro e mundial, em que saber se comunicar em uma língua estrangeira considerada língua franca, como a língua inglesa, possibilita a abertura de novos horizontes para os seus falantes, tanto no âmbito profissional como pessoal. Vejamos alguns dos trechos a seguir, que demonstram essas afirmações:

**Aluna A5:** “(...) é muito importante (+) porque quase tudo o que nós vamos fazer hoje em dia precisa ter o inglês”. **Aluna A1:** “Pra mim é fundamental, por essa troca entre as pessoas... a relação entre os países e no mercado de trabalho também”.

Já a aluna A1 considera que um indivíduo que não sabe e nem estuda inglês está vivendo num estado de retrocesso, ela vê como uma necessidade estar se atualizando e como demonstrado no seguinte fragmento: “eu percebi que eu tenho que estar mais ligada, eu tenho que estudar mais inglês, eu percebi que estava muito ultrapassada”.

Além dessas afirmações, as expectativas dos alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa são variadas e se referem ao fato de considerarem a língua inglesa como uma ferramenta que irá lhes beneficiar na área profissional, principalmente numa melhor formação, como ao fazer mestrado ou doutorado, por exemplo, como destacado nos discursos dos Alunos A7 e A10, por exemplo, que afirmam o desejo de dar continuidade aos seus estudos após a graduação. Aluno A10: “eu pretendo fazer um mestrado, doutorado, e outra língua poderia ajudar nisso, no âmbito profissional”.

A aluna A7 também afirma: “eu não quero ficar só na graduação”. Esses discursos, ao passo que representam as expectativas desses alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa, também trazem a ideia da importância de saber a língua inglesa para ter um bom currículo ou melhores oportunidades no ensino superior. Além disso, com base nos dados, o ensino e aprendizagem da língua inglesa foram considerados muito importantes e necessários, até mesmo na contribuição do desenvolvimento do país. Para o aluno A6, seria interessante que o governo investisse mais na área de ensino de língua inglesa e na formação de professores de inglês, devido ao baixo número de profissionais da área.

Outro tema recorrente nos dados é o interesse em aprender a língua inglesa para fazer intercâmbios em países de língua inglesa. No discurso do Aluno A6 percebe-se a influência que tanto as experiências como o discurso dos seus professores exercem na formação de suas expectativas. O aluno A6, por exemplo, afirma o seu desejo de aprender a língua inglesa para estudar fora do país assim como os seus professores fizeram. Nesse caso, a língua inglesa seria uma

necessidade para a sua comunicação com os nativos e, claro, para auxiliar nos estudos.

No discurso do aluno A2, detectamos a crença de que é preciso sair do Brasil para aprender a língua inglesa, como destacado no fragmento a seguir:

**Aluno A2:** “(...) eu queria fazer um intercâmbio, passar pelo menos uns seis meses (+) porque (...) se você realmente quer aprender a língua você tem que sair do Brasil”.

Diante desse discurso percebe-se a descrença do aluno no ensino de língua inglesa no Brasil, visto que ele não acredita na possibilidade de se tornar fluente em língua inglesa estudando no Brasil.

Em relação às considerações dos alunos acerca da língua inglesa e da sua aprendizagem, foram recorrentes as afirmações que demonstram um sentimento de admiração e fascínio em relação à língua inglesa, por exemplo:

**Aluno A3:** “eu tenho vontade de aprender (+). Eu acho lindo quem fala inglês”. A7: “Eu tenho um fascínio por essa língua”.  
**A4:** “O inglês é essencial na vida da gente e eu preciso aprender”.

Essas afirmações demonstram o que Paiva (1996 apud SOUZA, 2011) comenta sobre esse *status* de prestígio atribuído à língua inglesa no Brasil, e que trazem traços de influências sociais e históricas.

## 4.2 Crenças sobre o bom aprendiz da língua inglesa

As crenças dos participantes em relação ao que é o bom aprendiz da língua inglesa foram analisadas com base nas seguintes questões: “Você se considera um bom aluno de inglês?” e “Como você imagina um bom estudante de inglês?”.

Dos participantes entrevistados 50% não se consideraram bons alunos. Eles justificaram suas afirmações citando alguns fatores, como: dificuldades na pronúncia, desinteresse em estudar e devido ao método utilizado em sala de aula que não lhe ajuda a sanar as suas dificuldades.

Em relação ao método utilizado, a maioria o considera como bom, exceto pelo aluno A10 que o considera insuficiente no papel de atender as suas dificuldades no aprendizado da língua. Vejamos a sua afirmação no fragmento abaixo:

**Entrevistadora:** “você acredita que será possível aprender inglês de maneira satisfatória aqui na universidade na disciplina de inglês do BHU?”

**Aluno A10:** “Não, porque é como eu disse o método que está sendo utilizado eu já experimentei, eu vi que ele ainda não abrange as minhas necessidades.(+) e até já pensei que não vou mais fazer o inglês III (+) vou parar no inglês II mesmo e tentar outro método sem ser aqui”.

No fragmento acima ainda é demonstrada a crença de que o lugar ideal para aprender inglês é em cursos livres de idiomas, quando o aluno A10 comenta acerca da possibilidade de ir estudar inglês em outro lugar. Sobre essa crença, Oliveira (2011) comenta que em nosso país o que se supõe é que uma língua estrangeira só pode ser aprendida nos cursos livres de línguas. Posto isso, Moita Lopes (1996), no seu livro *Oficina de linguística aplicada*, comenta sobre a forte dimensão mercadológica por trás desse discurso, que de forma clara aparece numa dimensão ideológica que visa levar as classes subalternas a acreditarem em suas deficiências, próprias da natureza, impedindo-as de alterar o processo da história.

Com base nos dados fornecidos pelos entrevistados, para ser um aluno bem sucedido é fundamental que ele possua as seguintes qualidades: gostar da língua, ser dedicado, ter autonomia, ser esforçado, priorizar o estudo de inglês, não ter vergonha de pôr em prática o conteúdo aprendido e ter um bom vocabulário.No discurso do aluno A6,ser um bom aluno de inglês está diretamente ligado ao conhecimento e habilidades que o indivíduo já possui acerca da língua inglesa. Ou seja, “aquele que possui um bom vocabulário e consegue formular frases, não precisa olhar em dicionário, conjuga os verbos, faz alguma tradução mais complicada (...)”. (A6)

#### 4.3 Crenças sobre a capacidade e aptidão para aprender a língua Inglesa

Neste tópico serão apresentadas as crenças dos alunos acerca da capacidade e aptidão para aprender a língua inglesa, levando em conta que as suas crenças possuem influência no processo de ensino e aprendizagem.

Para isso, os alunos responderam as seguintes perguntas: você acredita que qualquer pessoa pode aprender a língua inglesa? Você acha que aprender inglês é diferente de aprender português?

Com relação à questão “Você acredita que qualquer pessoa pode aprender a língua inglesa?”, os alunos afirmaram que sim. Eles acreditam que qualquer pessoa é capaz. Juntamente com essa questão, foi utilizada a seguinte situação como exemplo: duas crianças, uma do interior e outra da capital, a criança da capital estuda inglês em escola particular, enquanto a criança do interior estuda inglês em escola pública. E a questão é a seguinte: essas duas crianças são capazes de aprender a língua inglesa? O que eles pensam acerca dessa situação?

Em vista disso, os alunos apresentaram opiniões semelhantes e que identificam alguns dos fatores que contribuem para o insucesso do ensino e aprendizado da língua inglesa, entre eles: a carga horária reduzida das aulas, a falta de recursos e a falta de professores qualificados. Esses fatores constituem obstáculos para que seja possível um bom ensino e aprendizagem.

No discurso do aluno A7, ao comentar sobre o exemplo, podemos perceber que ela acredita na possibilidade das duas crianças aprenderem a língua inglesa, porém a criança do interior terá que se esforçar mais e lutar contra esses fatores que impossibilitam e dificultam uma boa educação no Brasil, como no trecho abaixo:

**Aluna A7:**“(…) uma vai ter mais subsídios do que a outra. Mas se a outra realmente se aplicar ou se tiver um bom professor (+) um local melhor (+) eu acho que ela consegue também.”

Em relação à questão “Você acha que aprender inglês é diferente de aprender português?” 40% dos alunos acreditam que a aprendizagem das duas línguas é diferente. Acerca disso, nos seus discursos é recorrente o argumento de que a diferenciação entre o aprendizado das duas línguas se dá pelo fato da língua

portuguesa ser a língua materna deles e o inglês ser estrangeira. Vejamos algumas dessas afirmações:

**Aluno A6:** “(...) o português (+) como é a nossa língua oficial a gente dá uma importância maior.”

Para o aluno A3 a diferença da aprendizagem se dá na importância atribuída à aprendizagem da língua nativa e pelo fato do inglês ser aprendido por ela como língua estrangeira. O aluno comenta que não sente o aprendizado de uma língua estrangeira como algo obrigatório ou necessário em comparação ao aprendizado da língua portuguesa.

#### 4.4 Crenças sobre o papel e a contribuição da língua inglesa

Sobre o papel a opinião que os alunos possuem acerca do papel e da contribuição do inglês para a vida pessoal ou profissional foram perguntadas as seguintes questões: “Você acredita que saber inglês pode contribuir de forma positiva para a sua vida?”; “Qual foi o papel da língua inglesa na sua formação acadêmica?”; “No que ela te ajudou realmente durante o curso?”; “Como o estudo da língua inglesa pode contribuir para a compreensão geral do cenário de desenvolvimento cultural global?”.

Em relação à contribuição positiva do inglês para os alunos, quatro (4) dos alunos entrevistados afirmam que atualmente eles não utilizam a língua inglesa com muita frequência, mas afirmam que no futuro provavelmente utilizarão, como demonstra o aluno A5:

“Quem sabe no futuro emprego. Eu ainda não pensei muito bem nisso. Mas eu acredito que dependendo do ramo que eu vou seguir na carreira eu vou precisar usar o inglês.”

O aluno A2 também comenta:

“Eu acho que não teve nenhuma contribuição concreta, mas eu acho que no futuro deve ter”.

Eles afirmam que a língua inglesa para eles, hoje, tem sido utilizada apenas para auxiliar em sala de aula com a leitura de textos e artigos, como afirma o aluno A8:

“Tem sido muito importante. Às vezes, nós vamos fazer trabalho e muitos dos artigos estão em inglês, e quando a gente tem um conhecimento maior da língua inglesa a gente consegue acompanhar e entender”.

O aluno A9 também comenta sobre a utilização de textos em inglês nas aulas:

“O professor traz resumo pra gente ler. Então, o contato que a gente teve aqui, junto com o que eu já tinha ajudou na compreensão dos textos”.

Até aqui discutimos as principais crenças dos alunos, que se referem e se constituem de diversos fatores que contribuem para uma aprendizagem de língua inglesa bem sucedida.

Além disso, elas demonstram o estado do ensino de inglês em uma universidade pública e ainda demonstram alguns dos obstáculos que impedem que o ensino e aprendizagem de língua inglesa sejam efetivos na escola pública.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de investigar as crenças dos alunos acerca dos fatores e causas que contribuem para o sucesso ou fracasso da aprendizagem de língua inglesa, foram entrevistados dez (10) alunos a fim de se observar e compreender como as crenças trazidas das suas experiências com a língua alvo e seus reflexos afetam no processo de aprendizagem. Com base nos dados, a pesquisa apresenta um resultado que demonstra muitos fatores favoráveis ao sucesso do ensino e aprendizagem da língua inglesa na Unilab.

Nessa pesquisa, tivemos como objetivos específicos: 1) Investigar as crenças sobre as possíveis causas e fatores que contribuem para o sucesso ou insucesso do ensino e aprendizagem de língua inglesa na Unilab; 2) Investigar em que parte da história do Brasil que comportava a educação/ ensino de língua Inglesa, e que se vê o início/ instalado das crenças; 3) Apresentar o conceito de crenças na opinião de alguns linguistas e relatar como o assunto vem sendo trabalhado desde o surgimento desse conceito na área de estudos da linguística aplicada e 5) Identificar as crenças dos alunos brasileiros da Unilab, estudantes da disciplina de língua inglesa, através da metodologia proposta.

Para o cumprimento dos objetivos específicos propostos realizamos a coleta de dados e posteriormente realizamos a análise e discussão dos dados. Além disso, para cumprir o segundo objetivo específico, apresentamos alguns fatores históricos na educação no Brasil, na área de ensino de línguas estrangeiras, que resultaram na criação de crenças como “por que pessoas de classes subalternas querem aprender a língua inglesa se não irão utilizar a língua?” (PAIVA, 2011, p.36), ou a crença: “Eles não aprendem português quanto mais inglês” (MOITA LOPES, 1996, p.63).

São crenças como essas que ainda se fazem presentes na ideologia da sociedade brasileira e que demonstram que ainda há muito para ser mudado na educação brasileira, referente ao ensino e aprendizagem de inglês, assim como encontrar uma forma de desconstruir tais ideologias, para que possa haver uma educação mais igualitária e de qualidade.

Como resultados, através das respostas dos alunos entrevistados foram extraídos diversos dados que indicaram que a aprendizagem da língua inglesa para esses alunos é considerada fundamental, devido ao atual contexto brasileiro e mundial em que saber se comunicar em uma língua estrangeira considerada

universal é tida como uma ferramenta que contribui de forma positiva, tanto no meio profissional quanto pessoal, e que possibilita a abertura de novos horizontes para os seus falantes.

Em relação ao ensino e aprendizagem de inglês na Unilab, atendendo a um dos objetivos dessa pesquisa que foi de “identificar as crenças dos alunos de língua inglesa sobre as causas do fracasso ou sucesso do ensino/aprendizagem de inglês na Unilab”, os alunos se mostram positivos.

Os dados demonstram que os alunos acreditam que o ensino de inglês na Unilab é possível, possibilitado por fatores que movem para o sucesso como: professores qualificados, recursos audiovisuais disponíveis, motivação da maioria deles em aprender a língua inglesa, por motivos que se referem a planos para o futuro, como viajar, fazer intercâmbio e continuar estudando e se aperfeiçoando.

Foi possível perceber que eles se referem às suas experiências anteriores com a língua inglesa nas escolas de ensino regular, como sendo insuficientes para uma boa aprendizagem de inglês. Foram apontadas nos seus relatos as seguintes razões para o insucesso da aprendizagem de inglês nas escolas públicas: a carga horária reduzida, os professores desqualificados, a falta de recursos e a metodologia utilizada, considerada por um dos entrevistados como não atendendo as suas dificuldades.

Além disso, acerca da contribuição positiva do inglês em suas vidas, os alunos acreditam que a língua contribuirá futuramente para seu desenvolvimento, principalmente no âmbito profissional.

Outra crença detectada se refere a características e a fatores que os alunos entrevistados acreditam ser essenciais para o sucesso na aprendizagem da língua inglesa. Dentre as características mais citadas estão: gostar da língua, ser um aluno dedicado e esforçado, ter autonomia, priorizar o estudo de inglês, não ter vergonha de pôr em prática o conteúdo aprendido e ter adquirido um bom vocabulário da língua alvo.

Em relação à influência das crenças dos alunos na sua aprendizagem, tendo como base as afirmações de teóricos citados nessa pesquisa, podemos afirmar que as crenças possuem influência nas suas ações em que o contexto no qual o indivíduo está inserido e a sua interação no contexto, interferem na formação dessas crenças e, no geral, nos discursos dos alunos, podemos encontrar elementos que

contribuem para uma aprendizagem bem-sucedida da língua, como a motivação e o interesse em aprender e que poderão influenciar de forma positiva na aprendizagem.

Ressaltamos a importância no tema de investigação de crenças, uma vez que por meio de sua identificação e análise poderão ser encontradas novas formas e maneiras de abordar o ensino e a aprendizagem da língua, possibilitando, assim, a melhoria do ensino de língua inglesa.

Por meio desse estudo pudemos esclarecer a importância em conhecer essas crenças dos alunos e alguns fatores históricos e sociais que contribuem na construção dessas ideologias.

Esperamos que esse estudo possa trazer uma contribuição para o desenvolvimento e utilização de estratégias e métodos que virão a contribuir mais ainda com a melhoria do ensino da língua inglesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos formandos de letras**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, SP, 1995.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: Estado da arte. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, vol. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, vol. 7, n. 2, p. 109-138, 2007. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/rbla/2007\\_2/05-Ana-Maria-Barcelos.pdf](http://www.letras.ufmg.br/rbla/2007_2/05-Ana-Maria-Barcelos.pdf) Acesso em: 17 dez. 2013.

CELANI, M. A. (2009). **Antonieta Celani fala sobre o ensino de Língua Estrangeira**. Documento eletrônico. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml> Acesso em: 18 jan. 2014. COELHO, H. S. H. **“É possível aprender inglês em escola pública?” Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas**. Dissertação de Mestrado. UFMG, Belo Horizonte, MG, 2005.

CONCEIÇÃO, M. P. **As relações entre experiências, crenças e ações do professor na sala de aula: um processo cíclico de perpetuação de abordagens tradicionais de ensino de vocabulário em LE?**, mai.2006  
Disponível em: <http://www.veramenezes.com/mariney.htm> acesso em: 15 jul. 2014.

GIMENEZ, T. Narrativa 14: permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 47-54.

GURGEL, M. (2009). A realidade do professor de língua inglesa nas escolas públicas de Porto velho. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-realidade-do-professor-de-lingua-inglesa-nas-escolas-publicas-de-porto-velho/28987/> Acesso em: 20 jun. 2014.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (Org.) **O Professor de Línguas Estrangeiras- Construindo a Profissão**. Pelotas- RS.: EDUCAT, 2001.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas, APLIESP**, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 15-31.

LIMA, D. C. (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola editorial, 2011.

MADEIRA, F. O sistema de crenças do aprendiz brasileiro de inglês: fatores que influenciam na construção de crenças. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 47(1), p. 119-129, Jan./Jun. 2008.

MIRANDA, M. M.F. **Crenças sobre o ensino-aprendizagem de Língua estrangeira (inglês) no discurso de professores e alunos de escolas públicas.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia linguística para tempos híbridos. **D.E.L.T.A.**, 24:2, p. 309-340, 2008.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada.** São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, R. A. de. A matriz da LE no Brasil: a legislação e a política do fingimento. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola, 2011, p. 79-92.

PAIVA, V. L. M. O. A identidade do professor de inglês. **APLIEMGE: ensino e pesquisa.** Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. p. 9-17.

PAIVA, V. L. M. O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C. M.T e CUNHA, M. J. **Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil.** Brasília: UnB, 2003. p. 53- 84.

PAIVA, V. L. M. O. Ilusão, aquisição ou participação. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola, 2011, p. 33-46.

PEIRCE, C.S. The fixation of belief. Nov. 1877.

Disponível em: [www.peirce.org/writings/p107.html](http://www.peirce.org/writings/p107.html) Acesso em: 10 mai. 2014.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola, 2011, p. 55-65.

ROLIM, Ana Cláudia Oliveira. **A cultura de avaliar de professores de língua estrangeira (inglês) no contexto da escola pública.** Campinas, SP, 1998.

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas.

SILVEIRA, M. I. M. **Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino**. Maceió: Edições catavento, 1999.

SIQUEIRA, S. O ensino de inglês na escola pública: do professor postigo ao professor mudo, chegando ao professor crítico-reflexivo. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 93-110.

SOUZA, R. A. de. A língua inglesa na cultura brasileira e na política educacional nacional: um estranho caso de alienação. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão de múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 133-146.

ZOLNIER, M. C. A. P. **Língua Inglesa: Expectativas e Crenças de Alunos e de uma Professora do Ensino Fundamental**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual De Campinas, Campinas, SP, 2007.

## ANEXO I

## Ficha do Informante

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Semestre: \_\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_

Sala: \_\_\_\_\_ Professor(a): \_\_\_\_\_

Tel de contato (outro que não seja celular): \_\_\_\_\_

Melhor horário para um possível contato: \_\_\_\_\_

Por favor, responda às perguntas abaixo com o máximo de veracidade a fim de contribuir com uma pesquisa acadêmica: (Marque com um X os campos que forem convenientes)

1. É Brasileiro (a)?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

2. Qual região passou maior parte da Infância e Adolescência?

Nordeste \_\_\_\_\_, Norte \_\_\_\_\_, Sudeste \_\_\_\_\_, Sul \_\_\_\_\_, Centro-Oeste \_\_\_\_\_

Que cidade e estado mais exatamente?

3. Qual o seu nível de escolaridade?

2º grau cursando \_\_\_\_\_ 2º grau completo \_\_\_\_\_ Aluno da graduação

\_\_\_\_\_ Graduado \_\_\_\_\_ Aluno de Pós-Graduação \_\_\_\_\_

Pós- Graduado \_\_\_\_\_

4. Caso esteja no 1º semestre ou foi aprovado por teste de nível, esta é a primeira vez que estuda a Língua Inglesa? (Não leve em consideração a disciplina escolar ou Inglês Instrumental)

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

5. Se já estudou, por quanto tempo?

\_\_\_\_\_ anos, \_\_\_\_\_ meses, \_\_\_\_\_ semanas

6. Era uma instituição pública ou privada?

Pública \_\_\_\_\_ Privada \_\_\_\_\_

7. Já morou ou passou algum período em algum país de Língua Inglesa?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

8. Se a resposta anterior foi positiva, quanto tempo?

\_\_\_\_\_ anos, \_\_\_\_\_ meses, \_\_\_\_\_ semanas Qual país? \_\_\_\_\_

9. Qual foi o propósito da viagem?

Turismo \_\_\_\_\_ Trabalho \_\_\_\_\_ Estudo \_\_\_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

10. Quanto tempo dedica por dia ao estudo da Língua Inglesa? (Não contar com o tempo de aula)

\_\_\_\_\_ horas, \_\_\_\_\_ minutos

11. Fala outra língua além do Português? (Não incluir Inglês)

Não \_\_\_\_\_ Sim \_\_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

## ANEXO II

### Roteiro para entrevista com o aluno

1. Quando você começou a estudar inglês?
2. Onde?
3. Por que razão?
4. Quais eram/são as suas maiores dificuldades no aprendizado da língua?
5. Qual a importância da língua inglesa para você hoje em dia?
6. Quando você imagina que poderá usar a língua inglesa em sua vida?
7. Você se considera um bom aluno de inglês?
8. Como você imagina um bom estudante de inglês?
9. Você acredita que saber inglês pode contribuir de forma positiva para a sua vida?
10. Você acredita que qualquer pessoa pode aprender a língua inglesa?
11. Você acha que aprender inglês é diferente de aprender português? Por quê?
12. Você acredita ser possível aprender inglês na universidade? Justifique.
13. Qual foi o papel da língua inglesa na sua formação acadêmica? No que ela te ajudou realmente durante o curso?
14. Qual a importância dada pelos alunos às disciplinas optativas de língua inglesa do BHU?
15. Como o estudo da língua inglesa pode contribuir para a compreensão geral do cenário de desenvolvimento cultural global?

### ANEXO III

#### ENTREVISTA COM OS ALUNOS

#### ENTREVISTA COM A ALUNA A1

**Entrevistadora: em que série você começou a aprender inglês na escola?**

A1: Na sétima série.

**E: você fez o ensino fundamental e médio na mesma escola?**

A1: não em escolas diferentes... todo em escola pública.

**E: o que é que você lembra das aulas de inglês daquela época? você acha que você tinha bons professores? O que você pode me dizer daquela época? avalie o ensino de língua inglesa.**

A1: era bem simplificado...o ensino do verbo 'tobe' e não praticava muito a pronúncia.

**E: Quantos minutos por semana você tinha de aula de inglês?**

A1: era uma aula por semana.

**E: e os professores eram formados em letras inglês? ou então tinham capacidade de ensinar a língua?**

A1: eu não me lembro muito, mas a professora era formada em inglês.

**E: e quais eram as suas maiores dificuldades nessa disciplina na época?**

A1: era a pronúncia. também porque o que eu vi foi muito reduzido.

**E: na sua opinião por que você acha que o ensino de língua inglesa não funciona nas escolas públicas? tanto no ensino fundamental quanto médio? Por que você acha que ele sofre esse tipo de depreciação digamos assim, pois não tem o mesmo tanto de horas aulas que as disciplinas de língua portuguesa, matemática, química...**

A1: eu acho que é mais para ter uma disciplina no currículo.

**E: E aqui você teria essa nova oportunidade de aprender a língua inglesa aqui na universidade. Quantas disciplinas de língua inglesa você já fez até agora?**

A1: Até agora só o inglês I e II.

**E: qual a importância da língua inglesa na sua vida?**

A1: pra mim é fundamental...por essa troca entre as pessoas...a relação entre os países e no mercado de trabalho também... Eu acho que é fundamental.

**E: você já falou sobre as pessoas que vem de outros países, deixa eu te perguntar uma coisa, nas turmas de inglês haviam alunos brasileiros e a presença dos alunos estrangeiros (timorenses, guineenses....) você acha que a presença deles veio a contribuir para o seu aprendizado de inglês e o aprendizado dos seus colegas brasileiros?**

ALINE- veio.

**E: De que forma?**

A1: pelo que eu notei eles têm muita facilidade em aprender o inglês... que eu lembro tem um rapaz na minha turma que é de Guiné-Bissau e ele falava fluentemente.

**E: de que forma ele podia melhorar, digamos, o aprendizado da língua? como ele poderia contribuir? por que você diz que ele veio ajudar?**

A1: porque às vezes quando a gente tinha dúvidas nós perguntávamos a ele.

**E: então ele funcionava como um tutor...então além de ter o professor você também recorria a ajuda do colega estrangeiro, que sabia um pouco mais do que o colega brasileiro.**

**E: Você se considera uma boa aluna de inglês?**

A1: Não...porque eu tenho muita dificuldade na pronúncia...eu não me considero...mas na gramática eu já acho melhor.

**E: por que você acha que ainda é ruim na pronúncia? O que falta pra você melhorar?**

A1: eu acho que falta praticar...estudar mais.

**E: pense em um colega seu que teve sucesso no inglês, que características que ele ou ela têm que você diria que garantiu o sucesso dele(a).**

A1: Uma garota brasileira(+) eu acho que o sucesso dela é porque ela escuta bastante música estrangeira...ela tem muita facilidade para falar.

**E: Então é o contato que ela tem com a língua.**

**E: Você acredita que é possível aprender língua inglesa aqui na universidade?**

A1: eu acho.

**E: agora vamos falar da sua visão e da visão dos alunos BHU sobre ensino de inglês. Qual o papel que é dado a disciplina optativa de língua inglesa no BHU? Como eles consideram e avaliam o ensino de inglês no BHU?**

A1: Eu acho importante...é um conhecimento a mais...não são todos que têm essa visão... não gostam de inglês e acham difícil. Não querem entrar na turma. Eu tenho uma colega que já está no sexto semestre e não se matriculou em nenhuma turma de inglês...me disse que não gosta.

**E: E assim os métodos e os materiais de ensino de língua inglesa que você teve até agora você considera bom, regular ou irregular?**

A1: O material é bom...só que não é muito utilizado...Nesse último trimestre não utilizamos muito.

**E: e você comprou o livro? E assim a pergunta que vou fazer agora é mais uma coisa atual até agora, até que ponto você acredita que a língua inglesa pode contribuir para a formação da sua visão do mundo? depois que você começou o inglês? Ou continua a mesma?**

A1: eu percebi que eu tenho que estar mais ligada...eu tenho que estudar mais inglês...eu percebia que estava muito ultrapassada...muito para trás no inglês.

**E: ou nos tópicos que os professores traziam que estavam em língua inglesa..nos tópicos de conversação, nos tópicos de leitura.**

A1: Pode ser... nisso também.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A2

**E: você começou a estudar inglês na escola ou em curso particular?**

A2: Eu estudei inglês desde o 7º ano do ensino fundamental...terminei o ensino fundamental e tive inglês no 1º e 2º ano do ensino médio. Mas durante esse período do 1º e 2º ano, eu fiz um curso de 1 ano e meio de inglês básico, particular e no 3º ano do ensino médio eu tive espanhol... Não tinha mais língua inglesa.

**E: E esse inglês básico particular, você fez onde?**

A2: Eu fiz o curso numa cidade próxima a minha que é a cidade de Ocara... durante 1 ano e meio.

**E: porque razão você fez esse curso particular de inglês?**

A2: porque eu sempre gostei da língua inglesa e também gosto muito de ouvir música em inglês.

**E: você se considera um bom aluno de língua inglesa?**

A2: agora não deve estar muito bom porque eu perdi a prática...vida de tcc...mas eu me considero bom.

**E: quais são as suas maiores dificuldades na língua inglesa? tanto quando você fazia inglês na escola, quando você fazia inglês particular, quando você fazia inglês no BHU?**

A2: a minha dificuldade sempre foi na gramática.(+) eu sempre me confundo não sou muito bom na gramática... Eu sempre tive dificuldade nessas partes do passado, futuro e presente.

**E: E na questão de lembrar de uma palavra que você aprendeu? Você tem algum problema ou consegue lembrar?**

A2: eu consigo lembrar.

**E:Qual a importância que você dá a língua inglesa hoje em dia na sua vida?**

A2:Há um tempo desse eu estava conversando com meu irmão eu queria fazer um intercâmbio...passar pelo menos uns 6 meses...porque como você falou se você realmente quer aprender a língua você tem que sair do Brasil...pra aprender mesmo. Por exemplo, pra saber também os dialetos... coisas assim...Pra saber as variações de pronuncia de um lugar.

**E: Na época em que você fazia inglês no BHU...as contribuições diretas do inglês no BHU pra sua vida acadêmica, pra sua vida como pesquisador agora no TCC, isso impactou de alguma forma, isso veio a contribuir? Ou terá alguma contribuição no futuro?**

A2: Eu acho que não teve nenhuma contribuição concreta...mas eu acho que no futuro deve ter.(+) e também me ajudou muito... que como foi no ensino médio...eu passei 1 ano e meio estudando inglês... e acabou o meu curso e eu fiquei parado. ai teve o espanhol... E no curso...no 1º trimestre ofertava...e já me ajudou nas lembranças.

**E: quando você fazia ainda o ensino médio você estudava em escola publica ou particular?**

A2: Sempre em escola pública.

**E:Quantas horas de aula de inglês você tinha por semana?**

A2: 50 minutos. Era uma única aula de inglês por semana e o professor não era formado na área de inglês...era o que ensinava português.

**E: porque você acha que existia tão pouco tempo dedicado ao inglês e por que os professores não eram formados?**

A2: Por causa da oportunidade... eu sou de Aracoiaba mas não moro em Aracoiaba, moro no distrito. E assim as únicas oportunidades que eles têm pra se formar....o

pessoal que vem da agricultura...só alguns que são concursados. A maioria dos professores que tem lá que são formados tem os pais que viviam da agricultura, e só tinha a UVA... e os cursos que tinha era Letras e os professores só tinham essa formação. E eu acho que viam alguma cadeira de inglês... e no curso em Aracoíaba na época que eles fizeram os cursos eram Letras, Educação Física e Biologia.

**E: você acha que todo mundo pode vir a aprender inglês?**

A2: pode... Com certeza.(+) depende da dedicação e ter sempre alguém incentivando.

**E: quer dizer que a motivação e o incentivo são grandes molas propulsoras no ensino de língua inglesa...**

A2: Sim.

**E: pense numa característica sua que lhe fez se sobressair sobre os seus colegas no aprendizado de inglês. Por que você teve mais sucesso de que alguns colegas seus?**

A2: eu acho que porque quando a gente gosta de uma coisa você sempre quer estudar mais...ainda para se destacar mais na sala...eu acho que se você quer se destacar tem que estudar.

**E: você teve algum colega estrangeiro na turma de inglês do BHU? você acha que a presença de alunos estrangeiros contribuiu para o seu aprendizado, pra você melhorar na língua durante as aulas ou fora das aulas?**

A2:que eu me lembre eles tinham muita dificuldade de pronunciar...eu não sei porque eu ficava com dupla com o Erick. E eu nunca tive muito contato.

**E: e ele falava inglês de forma mais avançada que os brasileiros?**

A2: Não. Mas eles sabiam um pouco como a gente...eles deviam ter alguma base.

**E: Você acha que eles tinham mais sucesso com aprendizado da língua do que os brasileiros?**

A2: Não. Eu acho que a sala estava num nível bom... no geral.

**E:Na sua opinião você acha que nesse ambiente do ensino de língua inglesa, misturados brasileiros e estrangeiros, faz bem ou dá algum tipo de resultado positivo?**

A2: Eu lembro que no último trimestre de inglês tinha um aluno estrangeiro e o professor Sérgio deixou a gente com ele... e ele sabia muito... e ele deixou esse estrangeiro com a gente pra tirar algumas dúvidas. Ele sabia muito bem... Eu acho que é válido ter sempre esse contato.

**E: você pretende continuar a estudar em inglês no futuro?**

A2: Sim.

**E:Na sua opinião qual a importância dada pelos alunos do BHU a disciplina optativa de língua inglesa? Avalie o papel da língua inglesa no BHU.**

A2: Eu até estava conversando com o professor Sérgio que depois que a gente soube que não iria ter a continuidade do ensino de língua inglesa, como era proposta, e o professor Sérgio comentou que era pela falta de professor não estava dando mais para continuar os módulos... eu não encaro como uma disciplina optativa eu gostaria que tivesse continuado.

**E: você viu como uma oportunidade de realmente desenvolver as competências lingüísticas... e você não via só como uma disciplina que você tivesse para cumprir créditos. E quanto ao material utilizado, os livros, os exercícios, os paradidáticos, livros de leitura, áudios, você chegou a ter contato com esses materiais?**

A2: Sim. Eu tenho um livro que a gente comprou. No primeiro momento foi só Xerox...mas depois no 2º trimestre nós compramos o livro... *O Framework*.

**E: como você avalia esse material?**

A2: Ele é muito bom. O professor sempre trazia áudio pra gente ouvir. (+)sempre no final da aula ele deixava uns 20 minutos e agente estudava sempre uma música. era muito bom também.

**E: Que conselho você daria para um professor recém chegado na Unilab, que fosse dar aula de inglês no BHU?**

A2: Eu acho que poderia ser assim uma aula mista...igual o professor Sérgio passava. (+) Ele dava o conteúdo pra gente trazer...corrigia(+) dava a aula dele e sempre trazia uma música no final da aula... Deixava 30 minutos e a gente praticava o *speaking*.

### ENTREVISTA COM O ALUNO A3

**E:Quantos trimestres de inglês você fez?**

A3:três trimestres.

**E: quando foi o seu primeiro contato com a língua inglesa? Quantos anos você tinha?**

A3: meu primeiro contato.... Eu não lembro a idade...mas foi no ensino fundamental, no 5º ano.

**E: onde você estudou?**

A3: Estudei em Acarape.

**E: foi em escola municipal ou estadual?**

A3: Municipal. Mas eu tinha pouco contato...não era toda semana porque não tinha professor específico... e era ensinado pouca coisa...os números, algumas cores, e foi assim no 6º, no 7º ano e no 9º ano é que a gente foi ver mais um pouquinho...mais aprofundado(+), mas não tinha a...pronúncia. Era o professor no quadro e na hora que ele estava escrevendo ele dizia...mas a gente mesmo não pronunciava. A gente estudava muito os verbos,(+) e o Professor colocava as regras e a gente aprendia as regras... aí quando eu fui para o primeiro ano do ensino médio eu tive o inglês só no primeiro ano...foi tipo uma revisão. Tudo o que era para eu ter visto no fundamental...mas também não teve pronúncia... era 45 minutos de aula por semana...no segundo e terceiro ano a gente teve espanhol que era 45 minutos também. e eu só fui ver em inglês propriamente dito na Unilab...inglês de verdade.

**E: Você começou a fazer inglês na Unilab por qual razão? Já que é uma disciplina optativa...decidiu fazer por quê?**

A3: Porque eu tenho vontade de aprender. eu acho lindo quem fala inglês... e quando a gente entra na universidade a gente não tem noção do que é uma disciplina optativa(+) se é preciso fazer ou se não é...aí depois com tempo eu sei que é pra mim fazer m...que eu sou obrigada a fazer inglês...que não era nem pra ser optativa...era pra ser obrigatória(+) porque na nossa área de humanas os professores falam que tem poucos livros em português e a gente não ser obrigada a fazer o inglês(+) eu não entendo isso. E eu quero fazer o mestrado...e eu quero fazer inglês sim. (+) Mas eu tenho medo...eu entro em pânico quando o professor chega na sala falando “Boa tarde” em inglês.

**E: quais eram as suas maiores dificuldades na língua inglesa?**

A3: A pronúncia.

**E: Você pronunciava, ou você entender um colega ou você entender o professor?**

A3: Eu acho que as três coisas(+) até em falar normal eu tenho dificuldade. Dizem que é por causa do aparelho... eu até vou para a fonoaudióloga no próximo mês.

**E: Então quando você fala em pronúncia é a sua pronúncia?**

A3: Também é a minha pronúncia.(+) Ai pra falar o inglês é pior ainda.

**E: Mas para você compreender alguém falando Inglês qual é a sua dificuldade? ela é maior do que você pronunciar as palavras em inglês?**

A3: Não. Ela não é maior. é eu falar mesmo...pronunciar.

**E: Uma das perguntas que eu acho que acabei até te direcionando falando do mestrado... é...qual a importância da língua inglesa pra você hoje em dia?**

A3: Por causa do curso, que é obrigado, e porque eu acho bonito. Mas por causa do curso mesmo, porque a gente tem que fazer.

**E: E fora da Unilab, você imagina que poderá usar a língua inglesa em que áreas? E quando?**

A3: Eu acho que na área profissional...porque eu acho muito difícil eu terminar e ir logo pra minha área...vai que um dia eu precise dar uma aula em uma escola do município(+)e a carência de professores de inglês é grande... e eu tendo inglês é bom pra mim...na área profissional.

**E: Quando você está fazendo em inglês no colégio, aqui na universidade, Você se considerava uma boa aluna de língua inglesa?**

ANA P- Não.

**E:Por quê?**

A3: Porque a gente sempre deixava como última opção na lista das atividades... Em questão de estudar para a prova... em estudar mesmo...de ler...era sempre a última opção.

**E: E o que você considera um bom estudante de inglês? Que características ele tem que você considera ele como um bom estudante inglês?**

A3:O Erick. Ele prioriza o inglês... Ele estuda mesmo sem a professora mandar. Ouvir uma musica e ir traduzir mesmo sem a professora mandar... Assim (+) colocar no cotidiano mesmo.

**E: Então seria a frequência, autonomia. Tem mais alguma característica que ele tem que você gostaria de ter?**

A3: não ter vergonha.

**E: durante as aulas você teve contato com algum aluno de outra nacionalidade aqui na Unilab? Como é que você analisa o papel desses alunos estrangeiros dentro da sala de aula? Você acha que eles ajudaram? Ter colegas estrangeiros que falam outra língua alem do português ajuda ou atrapalha?**

A3: No inglês III. No meu caso eles atrapalham porque como eu me considerava muito atrasada, pelo menos no inglês III, eles sabiam muito. Ai ficava eles e o professor conversando em inglês e a gente ficava de lado sem saber. Parece que eles falam fluente...então eu achei que atrapalhou.

**E: quer dizer... então não foi respeitado um desnível das competências. Tanto de *speaking*... ou seja, da conversação...da fala.**

A3: Isso.

**E: Agora eu tenho uma pergunta que tem a ver com a sua visão de mundo, a sua percepção sobre o aprendizado de língua inglesa. você acha que qualquer pessoa pode vir a aprender inglês, ou existe um pré-requisito para uma pessoa aprender? vou dar um exemplo: uma criança que está no ensino fundamental, de uma cidade ou um distrito no Ceará, e uma criança que estuda numa escola particular em uma capital, como Fortaleza . você acha que vai existir alguma diferença no aprendizado?**

A3: com certeza...porque o do interior ainda hoje sofre com a falta de professores competentes...geralmente o professor do interior é aquele que está terminando o português, mas que não sabe...não tem muita competência. E sempre em escolas particulares são especializados...eu acho que são... Pelo menos eles exigem uma cobrança maior da escola também(+) e nas escolas do interior não tem muita cobrança. Com o inglês não.

**E: quando você vê uma criança do interior com essas condições que eu acabei de dizer, quando chega o final da escola e ela faz uma prova do Enem muito bem você pode dizer que essa criança teve sucesso com a língua inglesa no Enem por quê? O que pode levar ela a ter sucesso já que ela não tinha tantas condições?**

A3: Porque no Enem eu já escolhi inglês e acertei, porque são apenas 5 questões e é mais interpretação e são fáceis... a resposta está no texto...então se ela tiver noção de interpretação vai fazer.

**E: você acha que aprender inglês é diferente de aprender português? você acha que naquele momento de aprender uma nova língua, seja ela em inglês ou espanhol, você acha que você utiliza estratégia diferente das que você utilizou para aprender a sua língua materna?**

A3: eu acho que sim. Porque com o português parece que a gente já nasce com aquilo...você tem que aprender e você vê desde sempre. E com o inglês a gente não vê como aquilo que você tem que aprender... é bom pra você...mas você não tem que aprender.(+) Há pessoas que não se interessam em aprender e não se preocupam já que se preocupam em aprender o português. Nas escolas a gente vê o português como a matéria mais... do que o inglês. A língua estrangeira é deixada de lado... eu acho que aquilo que vai influenciar...e a gente acaba deixando de lado mesmo.

**E: Por que você acha que a língua estrangeira é deixada de lado nas escolas?**

A3: Acho que é porque o povo não tem noção ainda de mundo, e pela falta do profissional mesmo.

**E: Digamos que se tivesse a mesma quantidade de professores de língua inglesa, a mesma quantidade de professores de química, a mesma de espanhol,**

**aliás, todas as disciplinas na escola tivessem a mesma quantidade de professores, porque que ainda a língua estrangeira só tem um encontro uma vez por semana de 45 minutos porque é que é tão deixado em segundo plano?**

A3: Eu nunca cheguei a me perguntar isso.(+) Mas, eu realmente não sei porque é que o pessoal não prioriza. eu não entendo isso... A questão que eu falei é que desde o início a gente é obrigado a aprender português, matemática...eu não sei porque as pessoas não priorizam o inglês ou a língua estrangeira... Eu acho que deveria vir com uma exigência diretamente do MEC...uma coisa assim maior.

**E: eu pude ver a sua percepção, assim o que você se baseou para responder tudo isso,você que teve uma trajetória na escola pública, isso é muito bom. E você hoje está em uma universidade pública, então é bom ver um aluno que sai da escola pública e está universidade pública. Mas a minha pergunta é a seguinte: o estudo da língua inglesa pôde contribuir de maneira direta ou indireta para você compreender o cenário global ou não contribuiu de nenhuma forma? Estudar inglês contribuiu para você entender melhor o mundo?**

A3: até agora, na verdade...não. Eu não aprendi inglês que dê pra alguma coisa.

**E: Pra você ler um texto, um jornal internacional...?**

A3: Não. Ainda não.

**E: Eu queria te perguntar qual foi a importância da língua inglesa aqui no BHU, já você que foi que a língua inglesa pode vir a acrescentar nessa tua trajetória acadêmica?**

A3: Pra ser sincera...o inglês é muito importante, mas até agora...as minhas horas foram cumpridas... eu fiz o inglês.

**E:Deixa eu fazer uma pergunta mais específica: algum professor passou algum texto em inglês ou então você precisou pesquisar, e o texto estava só em inglês e você se saiu na frente de seus colegas? o que você faria com pouquinho de inglês e você pode fazer uma pesquisa mais aprofundada, mais vasta?**

A3: eles nem passam..porque quando falamos de inglês na sala o pessoal diz: “não professor, você não é nem doido de passar que ninguém vai ver”. a gente não teve esse contato ainda, foram poucas pessoas que fizeram o inglês até o quarto trimestre até agora eu nunca vi alguém dizer “pode passar que eu leio”.

**E: Você pretende no futuro fazer algum curso de inglês de aprofundamento?**

A3: Eu tenho vontade por causa do profissional...precisa....eu tenho necessidade de fazer por isso... Mas se fosse uma coisa que não precisasse eu não fazia.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A4

**E: Quando foi o seu primeiro contato com a língua inglesa?**

KELLY- Foi na escola. Eu acho que foi na 4ª série quando eu estudava na escola pública em Antônio Diogo - Ceará.

**E: Quais eram as suas maiores dificuldades?**

A4: Na verdade eu nem lembro mais o que nós estudávamos... Eu só lembro que a única coisa que a gente tinha conhecimento era o verbo TO BE. As minhas dificuldades eram mais com o significado das palavras.

**E: E aqui na UNILAB, quantos trimestres você fez? E essas dificuldades continuaram, ou surgiram outras?**

A4: Aqui na UNILAB eu fiz três trimestres...mas fui reprovada no terceiro. As minhas dificuldades continuaram e também apareceram outras... Um exemplo: Se uma pessoa entra na sala e faz uma pergunta em inglês e pedir para eu traduzir... Eu não vou saber responder...porque eu não consigo compreender as palavras ela está dizendo.

**E: Mas se você pegar um texto e olhar as palavras escritas você consegue entender melhor?**

A4: Sim... Pode ser por conta das palavras cognatas...pode ser que eu conheça alguma coisa.

**E:Qual a importância da língua inglesa para a sua vida hoje?**

A4: O inglês é essencial na vida da gente e eu preciso aprender.

**E: E fora da sua vida acadêmica, quando você precisa ou quando você acha que vai precisar usar a língua inglesa?**

A4: Se caso eu vá viajar para o exterior precisa ter o inglês. Seria bom para o meu currículo(+) eu acho que é importante... E também às vezes no nosso cotidiano mesmo vemos alguma palavra em inglês... então você precisa ter pelo menos alguma noção de inglês para saber o que significa aquela palavra.

**E: Você se considera uma boa aluna de inglês?**

A4: Não. Eu acho que se eu focasse mesmo no inglês eu aprenderia. Eu não sou burra... Eu consigo entender algumas coisas...mas eu não me considero uma boa aluna.

**E: aponte alguma característica que um bom aluno de inglês tenha, ou que ele precisa ter para se sair bem em língua inglesa?**

A4: A professora fala em inglês e ele responde inglês. Eu acho que ele tem mais facilidade de aprender inglês... porque tem gente que tem mais facilidade de aprender inglês.

**E: Por que você acha que "ele" tem essa facilidade de aprender inglês? Ele precisa ser uma pessoa mais dedicada?**

A4: Ou ele estuda mais ou é um gênio em inglês. Eu acho que nem sempre é preciso ser uma pessoa muito dedicada ao inglês. Por exemplo: Tem gente que escuta música internacional e é bom em inglês...e tem gente que escuta e nem é. Eu escuto e nem... Acho que é mais questão de afinidade com o inglês.

**E: Você acredita que saber inglês pode contribuir de forma positiva para a sua vida?De que forma?**

A4: Eu acho que contribui, contribui sim.

**E: Você acredita que qualquer pessoa pode aprender inglês? Exemplo: Uma criança no interior do Ceará estudante de escola pública, e outra criança da capital do estado estudante de escola particular. Você acredita que as duas crianças têm condições de aprender inglês?**

A4: Sim...elas tem condições sim... Porque depende da força de vontade de cada uma.(+) Não é discriminando a escola pública mas na escola particular ela tem mais

facilidade porque pode ser que tenha mais livros mais materiais de inglês,(+) e na escola pública já é mais desvalorizado. Na escola particular o inglês começa de criança e na pública já não.

**E: E quanto aos professores?**

A4: Se os professores tiverem o mesmo nível, eu acho que as crianças vão aprender normal... mas se não tiverem... não.

**E: Você acha que aprender inglês é diferente de aprender português?**

A4: Sim. Muita gente diz que o inglês é mais fácil que o português...mas eu não acho. Assim...eu falo português...eu aprendo melhor português...eu não tenho muita afinidade com o inglês...então eu já não aprendo. Eu acho que se eu tivesse esse mesmo contato com o inglês desde a minha infância acho que eu teria mais facilidade de aprender.

**E:Então você acha que se uma criança começa a estudar inglês desde pequena ela aprende com mais facilidade?**

A4: Se uma criança tiver esse contato desde pequenininha, quando ela estiver mais velha ela vai ter mais facilidade de aprender.

**E: Você acredita ser possível aprender inglês na universidade?**

A4: Acredito que sim.

**E: Avalie os materiais utilizados, os recursos midiáticos e os professores que você teve aqui na UNILAB.**

A4: O livro era bom...mas eu não usei aquele livro. Vinha um cd junto dele mas eu não pude usar porque eu não tinha computador...mas aquele livro é bom...ele explica muito bem. Quanto aos professores...eles sabem...tinham uns que sabiam demais só que eles não sabiam passar para os alunos e ficavam só enrolando...e tinham outros que se garantiam mesmo no inglês.

**E: Qual foi o papel da língua inglesa na tua formação acadêmica, no que ela contribuiu no teu curso de BHU?**

A4: Até agora não contribuiu.

**E: Na sua opinião, qual a importância que os alunos do BHU dão para as disciplinas optativas de língua inglesa?**

A4: Eu acho que eles não dão tanta importância para o inglês como dão para as outras disciplinas... Porque tipo assim...mesmo comparando o inglês com outras optativas os alunos dão mais importância para as outras porque o inglês não é obrigado no nosso currículo... já elas são meio que obrigatórias e o inglês é como se fosse só um complemento."

**E: Mas o que você acha das dessa situação?**

A4: Eu acho isso errado... Porque é bom você aprender uma segunda língua...eu acho que o inglês era para ser uma disciplina obrigatória no nosso curso já que precisa.

**E: De forma geral como você acha que o inglês contribui para você ter uma visão de mundo, de globalização mais ampla e crítica?**

A4: Sim, porque eu vou poder compreender outras culturas que não falam a minha língua...vou poder ler sobre elas na internet.

**E: Você acha que ter uma noção de inglês contribui para você chegar na frente das outras pessoas?**

A4: Se uma pessoa não tiver inglês eu passo na frente dela porque eu já tenho duas cadeiras de inglês.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A5

**E: quando você começou a estudar em inglês? Na escola, curso particular?**

A5: Inglês eu tive na escola, no ensino médio.

**E: você estudou em escola pública ou particular?**

A5: o ensino médio foi em escola particular. Mas eu era bolsista na escola. Foi aqui em Redenção.

**E: foi a primeira vez que você viu o inglês?**

A5: foi.

**E: e quais eram as suas maiores dificuldades no aprendizado da língua inglesa na escola?**

A5: é ter que decorar né...porque querendo ou não no inglês tem que decorar... a forma de escrever (+) que você não escreve da maneira que você lê... eu tinha muita dificuldade nisso.

**E: E aqui no BHU essas dificuldades continuaram ou você encontrou outras dificuldades?**

A5: elas continuaram...Mas dá pra gente melhorar... a forma de pronunciar também.

**E: por que você começou a fazer o inglês aqui na Unilab?**

A5: Porque eu tenho vontade de aprender uma nova língua... Apesar de ser muito difícil. Mas, é isso mesmo...vontade de aprender.

**E: qual a importância que você dá hoje para a língua inglesa na sua vida?**

A5: ela é muito importante. Porque quase tudo o que nós vamos fazer hoje em dia precisa ter o inglês.

**E: mas dentro do curso...ela tem contribuído para você pegar um texto em inglês ou então fazer uma pesquisa em inglês, você já teve essa oportunidade de usar a língua inglesa?**

A5:Já... Fui pesquisar um autor que não tinha nada a ver com português... a gente desenrola.

**E: na sua vida acadêmica, além de usar o inglês nas pesquisas, você acha que poderá usar a língua inglesa no futuro para te ajudar? o inglês que você está aprendendo aqui na universidade você vai empregá-lo onde?**

A5: Quem sabe no futuro emprego. Eu ainda não pensei muito bem nisso, Mas eu acredito que dependendo do ramo que eu vou seguir na carreira eu vou precisar usar o inglês.

**E:Quando você ainda estava no colégio aprendendo inglês quanto tempo durante a semana você tinha pra ter aula de inglês?**

A5: Eu acho que era 1 hora e 45 minutos. E eu acho que era só 1 aula por semana.

**E: Por que você acha que tinha esse pouco tempo para as aulas de inglês, enquanto que outras disciplinas tinham muito mais tempo?**

A5: Eu acho que é porque eles não têm muita fé na gente, né... “Pra quê que ele vai aprender o inglês se ele não vai sair daí.”

**E: Na tua compreensão de mundo porque que você disse assim “as pessoas não têm muita fé” quem seriam essas pessoas que não teriam fé que “os alunos não vão aprender”? na sua opinião você acha que deveria mudar ou permanecer do mesmo jeito?**

A5: eu acho que deveria mudar...é que são muitas matérias.(+) No meu caso eu já estudava além do horário.(+) ficava duas vezes por semana porque eu tinha que estudar as outras matérias que não dava para encaixar no horário normal.(+) teria que mudar e abrir mais horários e entrar mais aulas de inglês...Porque uma vez por semana não dá pra ver quase nada.

**E: Durante a escola qual é a disciplina que tem mais importância para você?**

A5: português, matemática, física, química, história e geografia.

**E: e no Enem, como foi o seu desempenho, você escolheu língua inglesa ou espanhola?**

A5: espanhol.

**E: Por que você escolheu o espanhol?**

A5: porque o meu inglês é muito ruim. eu não sou excelente aluna agora...mas dá pra desenrolar mais do que antigamente.

**E: E você acha que na prova de espanhol você iria se dar bem melhor do que inglês?**

A5: Eu tinha mais chances do que no inglês.(+) porque no espanhol eu poderia entender mais ou menos o que eu estava fazendo...eu poderia ler. E o inglês eu não conseguiria nem ler.

**E: hoje em dia você se considera uma boa aluna de língua inglesa?**

A5: Eu tento.

**E: O que é preciso para ser um bom aluno de inglês?**

A5: é preciso muita dedicação, muito esforço... é preciso ter uma boa memória...precisa desenrolar a língua pra poder falar,(+) precisa se dedicar muito...buscar muito.

**E: Tem algumas dessas características que você acha que pode desenvolver sozinha? Tem algum bom colega seu que tem alguma característica que você diria ser fundamental pra ele ter sucesso no inglês?**

A5: O esforço, a dedicação... Eu já vi em um programa que disse que não necessariamente você precisa ter um bom professor de inglês pra você aprender o inglês.(+)Claro que é mais difícil...mas você querendo você consegue aprender. Basta querer.

**E: E nas turmas de inglês que você esteve até agora na Unilab, você teve colegas que são brasileiros e os que são estrangeiros. Nas atividades de dupla ou de equipe você prefere trabalhar com brasileira ou com estrangeiros?**

A5: eu nunca trabalhei com estrangeiros... só uma que não era par...era grupo que entraram os estrangeiros... Mas eu não tenho nenhum problema de participar com eles não.

**E: Você acha que nas atividades de conversação a presença de um aluno que não fala português como primeira língua. Por exemplo, os guineenses, eles falam inglês já fluentemente. Você acha que a presença desses alunos ajuda ou atrapalha no seu aprendizado?**

A5: Eu acho. Porque eles já falam...eles já podem nos ajudar...nos orientar. Também junto com o professor... que o professor só é um para vários...e se nós temos um colega que já sabe mais ele vai nos ajudar.(+) Como era o caso quando eu estudava...tinha uma menina que já teve vários trimestres de inglês e ela se garantia. Se eu precisasse de ajuda.

**E: você acha que qualquer pessoa pode aprender língua inglesa? Um exemplo: uma criança que está numa escola no interior do estado, na zona rural, que esta tendo aula de inglês. e uma criança que está tendo aula de língua inglesa, mas na capital, em Fortaleza, em colégio particular. Essas duas pessoas vão aprender de forma igual?**

A5: Igual não... Porque se eu estou na capital em uma escola melhor eu vou aprender melhor. Eu tive inglês no ensino fundamental, mas foi muito pouco, a professora também era muito fraca e os alunos também não deixavam a professora dar aula...era numa escola municipal. Era um terror (+) e a professora também não interessava. Nós não aprendíamos quase nada. Eu só vim aprender mesmo alguma coisa quando eu fui para a escola particular...que lá o ensino era mais rigoroso e exigiam mais da gente. Eu acho que não tem como comparar as duas coisas. Claro que depende do interesse de cada um...porque mesmo que você esteja num colégio bom, mas você não queira, você não vai aprender. Mas dizer que é a mesma coisa não é.

**E: A minha pergunta foi: você acha que qualquer pessoa pode aprender a língua inglesa?**

A5: Pode... Basta o interesse e ter os meios para buscar o que você quer.

**E: Quais seriam esses meios?**

A5: Livros, internet, dicionários, o professor, revistas, programas... São vários meios.

**E: Depois que você entrou na universidade, você acha que é possível aprender mais da língua inglesa aqui na universidade do que na escola?**

A5: Sim. Porque os professores são mais qualificados. Não que os meus professores anteriores não fossem...mas aqui além deles serem qualificados nós temos um tempo de aulas de inglês maior.

**E: qual foi o papel da língua inglesa na sua formação acadêmica até agora?**

A5: ela ajudou com a leitura de alguns textos, com a pronúncia de alguns autores. Por enquanto só isso.

**E: qual a importância dada pelos alunos à disciplina de língua inglesa no BHU?**

A5: Tem alguns que gostam e que fazem, mas tem outros que não gostam, mas fazem também. No meu caso eu faço porque gosto.

**E: Como o estudo de língua inglesa pode contribuir para a compreensão do cenário global?**

A5: ela pode ajudar assim...querendo ou não o mundo tem coisas que envolvem a língua inglesa. e a gente aprendendo mais podemos ficar mais espertos.

**E: Eu vou dizer três palavras e você vai dizer: ruim, regular ou bom. No BHU, como você considera o material didático?**

A5: bom.

**E: E a interação Aluno- Professor?**

A5: Regular.

**E: Interação Aluno- Aluno?**

A5: Regular.

**E: interação Alunos brasileiros x estrangeiros?**

A5: Regular.

**E: e os recursos midiáticos? Uso de internet, o laboratório de informática?**

A5: regular.

**E: E atividades de conversação?**

A5: Regular.

**E: quais são as dicas que você daria um professor que está chegando o que vai dar aula de língua inglesa no BHU?**

A5: Ter muita paciência. Ir mais devagar.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A6

**E: bom dia! Eu tenho 15 perguntas aqui pra você, eu vou deixar você bem livre nesse primeiro momento para você falar como foi a sua experiência e aprendizado com a língua inglesa.**

A6: Bem, O meu primeiro contato com o inglês foi no ensino médio. eu estudei só no 1º e 2º ano. No primeiro ano, foi algo bem simples, genérico mesmo...uma coisa bem técnica, verbo *tobe*, músicas e vídeos. E a gente trabalhava tradução, tínhamos seminários que a gente abordava verbos, fazia entrevistas em inglês, montava frases.

**E: E a escola era particular?**

A6: Não. Escola pública. Em Aracoiaba. Interior do maciço de Baturité.

**E: E você só teve durante o ensino médio 2 anos de aprendizado de língua inglesa?**

A6: Isso.

**E: e o que você achava da quantidade de horas destinadas ao ensino de língua inglesa?**

A6: eram 50 minutos por semana pra dar conta de muita coisa. Eles queriam muito, mas o tempo que era dado...eu acho que era destinada pela CRED mesmo...as disciplinas da escola eram só 50 minutos...pra fazer atividade, dar alguma aula, ensinar alguma coisa. Mas eu acho que era muito pouco.

**E: e seus professores eram qualificados? Eram formados em letras- Inglês?**

A6: O professor que dava inglês era formado em Letras- Português...teve uma que foi a do 1º ano que ela ensinou inglês e ela era formada em Letras- Português, mas ela tinha um curso de Inglês pela UFC... Mas era só um curso de extensão... não era nem um curso técnico, nem de graduação.

**E: Por que você acha que o tratamento do ensino de língua inglesa não é o mesmo tratamento que é dado as outras disciplinas como a língua portuguesa, matemática, por que isso acontece?**

A6: Eu acho que é porque faltam profissionais...eu acho que falta um olhar mais específico...mais especial para a língua inglesa...eles precisam ver que é importante, que é a língua principal e eu acho que eles deveriam investir mais na educação...e na educação no ensino de língua inglesa.

**E: então, quando você estudava língua inglesa naquela época, você sentia alguma dificuldade na língua?**

A6: assim... pelo que era proposto dentro da sala de aula parecia uma coisa muito fácil.(+) Porque como eu falei eram vídeos, músicas e verbos, *Tobe, tohave, toeat...* e coisas muito simples... trabalhavam muitas cognatas e parecia algo bem simples. (+) Pra chegar na universidade eu me aprofundi mais com o *Englishclub* e as disciplinas de inglês específico, obrigatórias do currículo,(+) e eu vi que não eram só aquelas flores... e a gente viu que tinha estudado muito pouco comparado com o que precisava.

**E: E você fora da escola e fora do *Englishclub*, você tem algum tipo de atividade autodidata, que você tenha e que te ajude a aprender mais a língua inglesa, como assistir um filme, ler um livro?**

A6: Hoje em dia eu gosto muito de músicas em inglês, algumas séries, eu tento assistir só com legenda.

**E: Que séries você assiste?**

A6: eu assisto *Trueblood, Glee...* atualmente só assisto essas duas, mas eu assistia *House, Mr. Bean...* e antigamente no tempo do ensino médio eu procurei um curso presencial,(+) uma empresa do interior... pra dar uma ajuda, porque eu vi que o ensino é muito fraco, porque os professores não eram qualificados, não havia uma dinamização na sala, e eu via que eu precisava daquilo.(+) Por ter pais professores... uma família com muitos professores, eles sempre me falavam da importância da língua inglesa e eu sempre procurei aprender mais e mais, apesar das dificuldades.

**E: E hoje em dia, qual é a importância da língua inglesa pra você? Ou não tem nenhuma?**

A6: Tem muita. Bom, como eu estou em uma graduação... baseado nos meus professores atuais, eu quero viajar para estudar em lugares fora, não só por isso, mas também pela necessidade de aprender inglês, eu acho uma língua muito importante, tanto quanto o português... eu acho que deveria ser mais investido no Brasil o ensino da língua inglesa... investir em profissionais que atuem nessa área, porque são poucos... e eu vejo muita importância mesmo(+) até pra evolução do país.

**E: Você se considera um bom aluno de inglês?**

A6: Eu faço de tudo, eu me esforço, eu não digo que sou um excelente aluno, eu me esforço para fazer atividades bem feitas.

**E: imagine um colega seu que é muito bom em língua inglesa. quais características, que atitudes ele tem que o faz ser um bom aluno de inglês?**

A6: um bom aluno de inglês... pra mim é aquele que consegue formar frases... não precisa olhar em dicionário... conjuga os verbos, faz alguma tradução mais complicada, que não seja aquela coisa corriqueira, e que usa até expressões do

dialeto. eu acho que essas são as características. e que tem uma certa influência ao falar.

**E: você acha que aprender inglês é diferente de aprender português?**

A6: sim, acho que sim...o português, como é a nossa língua oficial agente dá uma importância maior...mas eu acho que o inglês é tão importante quanto o que a gente tem...um mundo lá fora, não é só aqui dentro...eu acho tão importante quanto.

**E: certo. Mas assim os processos de aprendizagem são os mesmos?**

A6: Assim...como no Brasil não tem tantos profissionais, só quando entra numa universidade...no ensino médio e no ensino fundamental é algo bem deficiente...a começar pelo horário...pelo tempo dado numa aula de inglês (+) são 50 minutos...uma vez por semana,(+) e as aulas de português são 5 horários de 50 minutos...duas, três vezes por semana. aí você vê a importância dada para o inglês e para o português.

**E: você acredita ser possível aprender o inglês aqui na universidade através do *Englishclub*?**

A6: sim.

**E: Quais são as suas maiores dificuldades nesse curso, quando você estava fazendo?**

A6: bom, eu acho que porque eu não tive uma bagagem no inglês, no curso que eu fiz, foi um curso simples, conhecer alguns verbos, algo que completasse o que eu estava fazendo no ensino médio. e por eu não ter essa bagagem eu trouxe algumas dificuldades, tipo: a pronúncia, a escrita, mais na escrita.

**E: A sua dificuldade é mais na habilidade da escrita...**

A6: isso.

**E: qual foi a contribuição direta que o *Englishclub* teve na sua graduação? te ajudou a pesquisar melhor? o que é que realmente ele veio ajudar?**

A6: bom, eu comecei a fazer o *Englishclub* juntamente com o primeiro inglês específico, que era ministrada a aula pelo professor Sérgio no inglês específico, e no *Englishclub* com a professora Ana Cristina. Era algo bem diferente, porque o inglês l entrava toda uma base, um chão mesmo do que a gente ia ver pela frente...e já nas aulas do *Englishclub* Era algo bem mais dinamizado...a gente usava dinâmicas, eram duas vezes por semana. Uma vez por semana tinha música... tinha aquelas dinâmicas de grupo, com a integração dos alunos, a mistura mesmo dos países, das nacionalidades...tinham os bolsistas que eram muito influentes também, eles tratavam o inglês até como.... Eu acho que a língua materna deles de tão bem que eles falam...e o *Englishclub* contribuiu muito, porque ele trouxe novos conceitos, ele

deu a devida importância para o inglês, e ele ajudou bastante a quem fazia o inglês específico naquele tempo.

**E: e os monitores os alunos estrangeiros você acha que a presença deles veio ajudar no processo de aprendizagem da turma?**

A6: Sim. Até porque pela experiência traga a professora escolheu bons bolsistas. O primeiro foi excelente, o segundo também, e o último que teve também, foram muito bons. Eles dominavam mesmo a língua.

**E: mas nós tivemos um bolsista brasileiro lembra?**

A6: sim. Ele até mesmo relatou que aprendeu ouvindo músicas e séries...os três eram qualificados para ministrar aulas. Responsáveis...e somaram ao nosso aprendizado.

**E: e os seus colegas estrangeiros...você acha que é a presença deles, a interação com eles, serviu de alguma forma para você falar melhor o inglês?**

A6: sim. eu acho que pelo sotaque deles eles têm uma facilidade muito grande de falar inglês... já sabem, (+) estão aqui só complementando...eu acho que foi uma soma de fraquezas de um lado e forças do outro. Uns ajudando os outros.

**E: o que é que você considera que foi fraqueza deles?**

A6: não... eu acho que estavam tentando conhecer melhor o Brasil...Eles viram a proposta do *Englishclub* que era muito boa. (+)Entraram, eles sempre dispostos a ajudarem os brasileiros que tinham mais dificuldades e sempre se puseram à disposição pra o que fosse necessário.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A7

**E: quando você começou a estudar inglês?**

A7: No ensino médio, e fiz um curso por fora também durante um ano no Ejovemem Fortaleza. Um curso gratuito que envolvia o inglês, a parte social e informática.

**E: você considerou como um curso proveitoso?**

A7: sim. Foi só a iniciação...eu já tinha feito a iniciação no colégio(+) e eu fui para lá e fiz de novo (+) e por último vim para a Unilab.

**E: onde você estudou o seu ensino fundamental e médio? são escolas particulares ou públicas?**

A7: são duas escolas públicas. Uma estadual e outra municipal.

**E: naquela época que você fazia inglês na escola, quais eram as suas maiores dificuldades na língua inglesa?**

A7: a maior dificuldade é na parte da gramática... Porque o conteúdo que eles passavam em um ano repetia no outro ano e depois repetia no ano seguinte e novamente... não passava disso... Era muito repetitivo.(+) era o verbo tobe em todas as séries.

**E: quantos minutos de língua inglesa você tinha por semana?**

A7: era apenas uma aula por semana.

**E: e qual a sua opinião sobre o professor?**

A7: a professora era ótima. Ensinava direitinho.(+) só a dinâmica da sala que era ruim porque os alunos eram bagunceiros. Quem queria aprender realmente tinha que sentar lá na frente para prestar atenção.

**E: qual a importância da língua inglesa para você hoje em dia?**

A7: tem uma importância muito grande...e quando eu entrei na Unilab eu fui logo procurar um curso de inglês. Porque é uma língua universal... Você tem que saber alguma coisa... Você tem que se colocar.(+) Como no estudo dessa universidade...você tem que saber se informar. Você tem que saber tudo no geral. (+) E principalmente o inglês...eu tenho um fascínio por essa língua...todo curso eu quero estar...todo local... Músicas, filmes, eu coloco filme legendado pra poder aprender.

**E: Quer dizer que você sempre deu uma grande importância a língua inglesa?**

A7: Eu sempre dei importância, desde o ensino fundamental... só que tem esses percalços...você não consegue aprender por causa da sala, dos alunos (+) o conteúdo... que é muito repetitivo.

**E: mas hoje em dia como você consideraria o material, o seu relacionamento com os colegas de sala da língua inglesa, ou a capacidade do professor? Como você classificaria as suas dificuldades?**

A7: Até o momento eu achei bom (+) Pelo professor que eu tive...ele sabia mesmo ensinar... os próprios alunos...a dinâmica dele, por exemplo: ele não ficava só no papel...ele pedia pra você ir lá pra frente... e às vezes fica muito na gramática.

**E: hoje em dia quais são as dificuldades na disciplina de língua inglesa?**

A7: A dificuldade que eu tenho é na gramática. Porque não é só os professores e os alunos...também tem todo o interesse pessoal... você tem que se aplicar...e como a gente fica estudando muitas coisas paralelas umas as outras, você tem que se dar um pouco. É isso...às vezes é o interesse pessoal que falta...você também não consegue aprender... São todos esses fatores.

**E: você disse que sempre deu uma grande importância ao ensino de língua inglesa. Mas você se considera uma boa aluna de língua inglesa?**

A7: Eu acho que sim. Pelas notas que eu tirei, pelo que eu tento estudar.

**E: na sua opinião, quais são as características de um bom aluno de inglês?**

A7: ele tem que gostar...tem que estudar, se aplicar realmente, eu acho que é isso. Ter perspectivas para o futuro...se ele realmente acha que aquilo vai significar pra ele. Porque eu tenho muitos amigos que dizem “pra quê que eu vou estudar inglês se não vai servir para nada?”.

**E: você lembra algum colega seu que estudou inglês com você que você admirava, quais eram as características que ele ou ela tinha que você gostaria de ter em você?**

A7: Tem um aqui que eu admiro ele porque realmente tem uma facilidade. Às vezes a pessoa estuda muito e não consegue... mas ele realmente tem uma facilidade muito grande.

**E: você acabou de dizer que algumas pessoas têm facilidade. Quanto à essa sua crença: você acredita que qualquer pessoa pode aprender a língua inglesa? Imagine assim: você falou da palavra facilidade, “fulana tem facilidade”, imagine uma criança que está fazendo o ensino fundamental...**

A7: uma criança com certeza tem facilidade (+) porque se ela começar desde pequena é muito mais fácil.

**E: eu vou comparar agora duas crianças, uma criança do ensino fundamental da escola pública, da zona rural, do interior do Ceará, e uma criança da mesma idade, mas que estuda em escola particular, na capital. Você acha que as duas crianças vão conseguir aprender a língua inglesa?**

A7: eu acho que sim. Uma vai ter mais subsídios do que a outra...mas se a outra realmente se aplicar...ou se tiver um bom professor, um local melhor...eu acho que ela consegue também.

**E: quando você estava na escola, você me falou que alguns alunos não queriam, não tinham interesse pela língua inglesa, e que só tinha 45 minutos de aula por semana. Você acha que a língua inglesa recebe a real importância que ela deveria receber no ensino fundamental e até o ensino médio?**

A7: eu acho que sim...não tem meios... quando eu fiz era a língua inglesa e o espanhol. Mas...de qualquer forma fica assim meio a meio, entre o inglês e o espanhol.

**E: e o tratamento que se dá às línguas estrangeiras nas escolas públicas, você acha que tratamento que se dá a disciplina de língua inglesa nas escolas é um**

**tratamento digno? é adequado? Ou você acha que deveria haver mais alguma coisa? alguma melhoria no ensino de língua estrangeira?**

A7: deveria...com certeza... porque quando eu estudava (+) se não fosse o professor pra levar um rádio para a sala para colocar uma música para nós ou colocar alguma coisa que remetesse a língua inglesa, não tinha nada.

**E: O que poderia mudar no ensino de língua estrangeira nas escolas públicas?**

A7: não sei... Poderia haver um grupo... tipo o clube de inglês(+) claro que tem que melhorar muita coisa... Mas poderia haver uma coisa nesse aspecto. mas se for pensar é muito complexo.

**E: você acha que se tivesse a mesma quantidade de professores de matemática, de português. Dois professores de matemáticas, dois professores de português, dois professores de química, dois professores de inglês, tudo igual, você acha que mesmo assim, Com cada professor ficaria responsável por um encontro em cada turma, por que você acha que isso acontece?**

A7: eu acho que é como se fosse visto como o mais importante...porque quando você sai da escola você vai precisar de português...eu acho que é questão de mente...não é vista a real importância do inglês hoje em dia...o inglês está em tudo (+) é igual à informática...tem que priorizar.

**E: Você acredita ser possível aprender inglês aqui na universidade?**

A7: Claro... Eu aprendi.

**E: hoje em dia, qual a importância da língua inglesa na sua vida acadêmica? Você utiliza a língua inglesa como ferramenta de pesquisa? Ou pra outra coisa durante as suas aulas do BHU?**

A7: Para as minhas aulas do BHU não... Mas quando eu estou com alguém, quando eu estou com um amigo ou pra entender o inglês mesmo...porque de qualquer forma eu vou me deparar com alguma coisa que tem a ver.

**E: E no futuro, quando você terminar aqui a faculdade, qual será a importância do inglês pra você?**

A7: Eu já pensei nisso várias vezes...porque eu estudando aqui eu não sei... é a minha vontade que eu saia do país pra poder ver novas coisas... eu quero falar fluente pra poder me comunicar com outras pessoas.(+) Até aqui também...se eu precisar...porque eu não quero ficar só na graduação.

**E: E já que você disse que não quer ficar na graduação, futuramente um mestrado, e para você entrar no mestrado você precisa da língua inglesa ou de outra língua estrangeira...porque também tem o francês.**

**E: Qual a importância dada pelos alunos à disciplina optativa de língua inglesa no curso do BHU?**

A7: as optativas... eu sempre vejo que as salas são cheias. Eu não sei qual a importância que cada um vai dar a língua inglesa... mas pelo menos pra mim se tivessem todas as turmas de inglês abertas eu iria em todas.

**E: Você já estudou com aluno estrangeiro? A presença dos alunos estrangeiros facilita o processo de aprendizagem de língua inglesa?**

A7: os estrangeiros que estudavam comigo...não sei se é porque falam crioulo...vários idiomas...mas eles tem uma facilidade muito grande, (+)tinha um que falava inglês com o professor e falava também outros idiomas. Eu não vejo nenhum empecilho dos africanos na nossa sala.

**E: então você acha que a presença deles vem só acrescentar, contribuir?**

A7: Sim.

**E: A língua inglesa chegou a contribuir para você ter uma compreensão melhor do mundo?**

A7: Sim. Por exemplo, nós estamos no Brasil...mas nós estamos diretamente conectados com outras pessoas, programas de televisão, cantores de música, eu falo isso porque não é querendo supervalorizar, mas você utiliza como uma ferramenta pra você ver o mundo de outra forma. É muito importante.

**E: Analise o material que é utilizado nas aulas de língua inglesa no BHU, você os considera como: bom, regular ou insuficiente?**

A7: O material... nós tínhamos um impasse quando o professor ia dar aula, porque era um livro desatualizado.. que ele teve que tirar a xerox pra ele pra ficar igual o da gente. Porque a gente nunca iria ter o volume que ele ia ter. sempre tínhamos que tirar Xerox das pastas...alguma coisa do tipo. Mas o conteúdo do inglês I e II que eu fiz era bem razoável, de fácil compreensão, até em casa mesmo a gente conseguia fazer as atividades normalmente. Foi o melhor livro que eu peguei. No outro curso que eu fiz era bem mais difícil.

**E: Analise agora os recursos midiáticos: uso de internet, uso de CD-ROM...Você acha que nas aulas de inglês poderia haver mais uso dos recursos midiáticos?**

A7: claro, com certeza. Seria ótimo. Porque não iríamos ficar só no livro. As vezes precisa de um diálogo mais aberto, um data show, música, computador também. Coisas diferentes.

**E: Qual conselho você daria para um professor de inglês que está chegando naUnilab, e vai dar aula de língua inglesa no BHU?**

A7: Não adianta você chegar na sala com toda a autoridade do mundo, querendo passar muito conteúdo, que o aluno não vai dar conta. Eu acho que ele tem que vir com paciência...porque se for a primeira vez que o aluno está tendo contato com a língua inglesa...e a primeira vez é muito difícil. E ainda mais na universidade a primeira vez...que você ainda está se encontrando...e o professor passar muitas coisas que não vão acrescentar não seria legal... Ser mais calmo e realista.

## **ENTREVISTA COM O ALUNO A8**

**E: você foi aluna do clube de inglês por quantos trimestres?**

A8: Três trimestres.

**E: e antes de você fazer o clube de inglês o quê que você já tinha tido de contato com a língua inglesa?**

A8: Pouquíssima coisa...porque eu tive no ensino médio, no primeiro ano... na verdade eu vi no 9º ano do ensino fundamental, que pra passar tinha que ter a disciplina de inglês...mas era só mesmo o verbo *tobe*. E no primeiro ano durante algum tempo...durante 6 meses mais ou menos. O estudo que nós tivemos foi contato com textos em inglês e fizemos uma apresentação.

**E: E no ENEM?**

A8: No ENEM nós éramos orientados para escolher espanhol.

**E: E você frequentou a escola particular ou pública? Em qual cidade?**

A8: escola pública. Daqui mesmo de redenção.

**E: mas quando você estudava inglês na escola você gostava?**

A8: não...porque os professores não sabiam inglês e eles repassavam apenas questão de memorização e às vezes nem davam tanta aula assim... o aluno mesmo sozinho passava... é muita pressão.

**E: e nas aulas de inglês do colégio o quê que você via mais? que tipo de matéria era dada?**

A8: Que eu vi mesmo...que eu lembre é só o verbo *tobe*...só isso durante o ensino fundamental, e pouca coisa de interpretação de texto.

**E: na época, é claro...você comentou aqui que era pressionada a aprender línguas, assim quando você estudava quais eram as dificuldades que você tinha na época? que você detectava?**

A8: primeiro...a gente não aprende a falar, nem escutar, mas escrever e entender...e assim...os professores não sabiam ensinar a disciplina...a gente percebia essa deficiência neles... alguns professores eram formados mas outras não.

**E: Mas assim sobre você, quais eram as dificuldades que você tinha?**

A8: eu não entendia... é uma grande dificuldade tanto pra entender o conteúdo do inglês...como português a gramática...é como se não fizesse sentido. (+) a pronúncia...a gente não escutava...é que eles não falavam inglês.

**E: Você acha que essa forma de ensino deixa o aluno de uma certa forma travado para aprender inglês depois?**

A8: deixa.

**E: hoje em dia como é a sua relação com a língua inglesa? você conseguiu criar algum vínculo, algo novo com o inglês? você dá mais importância ao ensino de língua inglesa hoje em dia?**

A8: hoje em dia sim... porque eu já vejo a importância que ela tem...tanto é que eu tenho me esforçado muito para aprender. Mas eu ainda fico me sentindo pressionada com alguns métodos ensinados...meu primeiro contato aqui na universidade foi um horror... eu fiquei perdida...mas hoje eu já consigo olhar e ver que preciso e tenho que dar uma certa importância (+) e às vezes até me revolta quando as pessoas dizem que não é importante.

**E: E quais são as maiores dificuldades que você reconhece que teve com a língua inglesa nas letras?**

A8: assim... eu consigo entender partes do texto... se eu pegar um texto em inglês eu consigo entender...agora para falar em inglês eu tenho uma enorme dificuldade. Escutar também.

**E: então a habilidade de leitura você tira de letra?**

A8: A escrita também... algumas coisas...mas leitura eu me dou melhor.

**E: o que é que você acha que pode acontecer pra que essas suas dificuldades...que com certeza devem ser dificuldades de alguns outros alunos. Dificuldades de pronúncia venham a ser sanadas?**

A8: eu me sentia muito bem quando nós no clube de inglês formava ali ...e pedia pra gente memorizar os diálogos (+)eu acho que isso ajuda muito. e principalmente a questão da fonética (+) o TH por exemplo...e tem sons diferentes...isso e muitas vezes não sei identificar. em casa eu estou ouvindo muito músicas em inglês e assistindo séries.

**E: então quer dizer que fora da universidade fora do curso de inglês que você faz aqui você acredita que o interesse particular do aluno o contato dele com a língua inglesa em situações de diversão e entretenimento venham ajudar?**

A8: sim.

**E: você acredita que qualquer pessoa pode aprender o inglês ou existe algum tipo de grupo que tem mais facilidade?**

A8: Eu acredito que todo mundo possa aprender...dependendo de como for ensinado. Mas...tem algumas pessoas que aprendem mais rápido que outras pessoas... mas eu acredito que todo mundo consegue.

**E: Você acredita que é possível aprender inglês aqui na universidade? inglês para fins acadêmicos, viagem, etc..**

A8: acredito.

**E: até agora eu queria que você me dissesse qual foi o papel da língua inglesa para sua vida como pesquisadora, como aluna estudante do curso de letras?**

A8: Tem sido muito importante...Às vezes nós vamos fazer trabalho e muitos dos artigos estão em inglês...e quando a gente tem um conhecimento maior da língua inglesa a gente consegue acompanhar e entender... Tem vídeos em inglês e a gente consegue entender um pouco. Então...tem servido muito.

**E: E como foi que o inglês te ajudou a perceber o mundo? você acha que depois de ter começado aprender inglês você passou a ter uma compreensão global do mundo como ela está hoje o dia?**

A8: principalmente porque se você vai comprar um carro algumas informações do carro são em inglês... no DVD... as informações estão em inglês... na televisão mesmo forma.... Então isso é em todo o mundo. Se a gente vai viajar, se eu quero ir pra outro país eu tenho que dominar o inglês...é uma língua que eu tenho que aprender por isso e por isso.

**E: então você pretende continuar estudando inglês no futuro e usar não somente dentro da universidade para fins de pesquisa, mestrado, doutorado, mas também aplicar em outras situações cotidianas. Quanto ao material que é usado no clube de inglês o que que você me diz: você concorda com os materiais que são apresentados? Você acha a qualidade boa média ou irregular?**

A8: eu acho regular...porque tem coisa que a gente não vê porque não tem tempo... e não dá pra ver tudo. Mas algumas coisas são bem legais...diálogos... o reconhecimento dos objetos...as músicas também. Mas eu acho q poderia melhorar mais.

**E: e o que você diria para um professor que chegou hoje em dia e vai dar aula no clube de inglês? Um conselho que você daria, pela sua experiência como aluna do clube de inglês.**

A8: eu diria que ele tivesse calma...que ele ensinasse mais diálogos, músicas ou interação que a gente fazia...reconhecimento de objetos. Acho que isso.

**E: e um professor de inglês que vai ensinar no curso de letras, no inglês para fins específicos I, II e III?**

A8: primeiro que ele não viesse com negócio de memorização. Tem coisas q devemos memorizar, mas em algumas em alguns casos eu acho que não serve a memorização. o que eu vi foi muito bom...eu vi em língua inglesa para fins específicos I, II e III...muito bons até agora. Eu acho que essas metodologias foram muito boas. Primeiro, foi com o reconhecimento do verbo *tobe*, na forma dos verbos...a segunda, nós começamos a ter contato com artigos e o terceiro também está sendo muito bom.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A9

**E: quando você começou a estudar inglês? Assim, qual o seu primeiro contato com inglês, você pode contar a tua trajetória?**

A9: Na primeira série do ensino fundamental.

**E: Mas você estudou em escola pública ou particular?**

A9: particular.

**E: Onde?**

A9: Foi em Fortaleza.

**E: por qual razão /motivo?**

A9: era uma das disciplinas.

**E: era obrigatório fazer essa disciplina?**

A9: era.

**E: nessa época quais eram as suas maiores dificuldades?**

A9: Eu não tinha muita dificuldade não. Quando a gente começou não só que ficava aquele negócio repetitivo, com o ensino do verbo *tobe* todo o ano.

**E: aqui na Unilab essas tuas dificuldades continuam?**

A9: aqui eu descobri que eu estava pronunciando errado muita coisa principalmente a pronúncia do th.

**E: e hoje qual a importância da língua inglesa pra você?**

A9: assim..eu gosto de viajar muito...e aí eu quero ir para outros países e acho que a língua inglesa é uma das línguas mais importantes.

**E: E no curso de letras a língua inglesa já te ajudou de alguma forma?**

A9: Já. Algumas coisas eu já sabia... Mas facilitou um pouco.

**E: quando você imagina que poderá usar a língua inglesa em sua vida?**

A9: Nas viagens... e em escolas...no profissional.

**E: você se considera um bom aluno de inglês?**

A9: não.

**E: por quê? E o que você considera que seriam as características de um bom aluno de inglês?**

A9: a minha dificuldade é na pronúncia... eu tenho uma maior dificuldade.

**E: assim o que você acha o que você tem que fazer para melhorar?**

A9: praticar mais.

**E: me diz uma característica que você acha que um bom aluno de inglês deve ter**

A9: assim na minha sala eu acho que todos têm dificuldade. Eu acho que o único que é melhor é o Edu porque ele já fez curso de inglês.

**E: você acredita que saber inglês pode contribuir de forma positiva para a sua vida? de que forma?**

A9: assim, o inglês é uma das línguas que mais importantes. É o mais importante... eu já fiz curso de turismo e os professores sempre falavam "vocês tem que aprender inglês porque será muito importante para a carreira de vocês"...então desde esse tempo que eu tenho vontade de aprender.

**E: e assim você acredita que qualquer pessoa pode aprender inglês? até demos o exemplo de uma criança.. as duas crianças da mesma idade, uma criança do interior do ceará, estuda em escola pública, e a outra criança é da capital, Fortaleza, e estuda em escola particular. Na sua opinião, você acha que essas duas crianças têm condições de aprender inglês?**

A9: vai depender do ensino...porque muitos professores de escola pública principalmente do interior, não são pessoas formadas na área de inglês. Então...esse não é um dos melhores.

**E: Você acha que aprender inglês é diferente de aprender português?**

A9: eu acho que não. Considero a mesma coisa.

**E: em que sentido?**

A9: a mesma dificuldade que nós temos para aprender a língua deles eles tem para aprender a nossa.

**E: você acredita ser possível aprender inglês na universidade?**

A9: acredito. Eu estou aprendendo muita coisa agora.

**E: qual foi o papel da língua inglesa na sua formação acadêmica? No que ela contribuiu durante o seu curso de letras?**

A9: assim...a gente está tendo a disciplina de inglês instrumental e a gente está mexendo com *abstract* de novo...que a gente não tinha visto no trimestre passado.

**E: Então o ensino de inglês contribuiu para te ajudar a ler textos que o professor usou?**

A9: o professor traz resumo pra gente ler... Então...o contato que a gente teve aqui, junto com o que eu já tinha ajudou na compreensão dos textos.

**E: qual a importância dada pelos alunos às disciplinas optativas de língua inglesa?**

A9: No nosso curso é obrigatório.

**E: então...Reformulando...Qual a importância que você acha que os alunos, de uma forma geral atribuem a disciplina de inglês?**

A9: alguns dão mais importância do que outros. tem gente q não tem nenhum interesse.

**E: porque você acha isso?**

A9: porque tem gente que acha que nunca vai aprender...aí já tem essa idéia na cabeça...não estão nem aí para as aulas.

**E: durante o seu curso sua sala tem alunos estrangeiros...**

A9: sim... e nas aulas de inglês eles têm mais facilidade.

**E: Na sua opinião você acha que ter colegas estrangeiros contribui ou atrapalha?**

A9: Assim... Tem gente que se aproveita deles, tem gente que quando tem trabalho inventa de fazer dupla com eles... só que eles fazem tudo sozinhos.. eu acho que atrapalha. Eles ajudam a gente com pronúncia. Se a gente não souber fazer alguma coisa eles falam como é... ajuda e atrapalha.

**E: como o estudo da língua inglesa pode contribuir para sua compreensão do cenário de desenvolvimento global, para a sua visão de mundo? no que o ensino/aprendizagem de inglês te ajuda?**

A9: eu acho que ajuda mais para acompanhar notícias...é que às vezes tem coisas que não dá pra traduzir, na internet mesmo... não tem em português... acho que algumas palavras...dá pra entender alguma coisa.

**E: você acha que está a um passo à frente das pessoas que não sabem inglês?**

A9: sim.

## ENTREVISTA COM O ALUNO A10

**E: Onde você fez o seu ensino fundamental e médio?**

A10: o fundamental no município de Guaiúba e o ensino médio aqui em Redenção.

**E: e você começou a estudar inglês na escola no ensino fundamental?**

A10: não. Foi no ensino médio (+) foi só um ano.

**E: você só estudou um ano de inglês no ensino médio?**

A10: foi...porque não teve mais o inglês...foi para o espanhol.

**E: Por que razão você escolheu o espanhol?**

A10: Porque eu tive contato com o inglês no primeiro ano e sempre tive dificuldade de aprender...e o espanhol eu achei que tinha palavras familiares com o português, então seria mais fácil para mim aprender.

**E: quando você começou a aprender inglês, você lembra quais eram as suas dificuldades na língua?**

A10: lembro, e elas continuam até hoje. A minha principal dificuldade é na pronúncia das palavras que eu não consigo fixar.

**E: você acha que teria uma solução para esse problema? Ou você precisaria passar por um curso para o professor falar para você?**

A10: eu vejo que é porque o inglês que eu tive contato...porque eu vejo assim: como eu aprendi o português...eu aprendi do zero, formando as sílabas. Eu acho que pra gente aprender o inglês, que é um língua completamente nova e com outra gramática, temos que começar do zero...formar as sílabas...entender como a língua é formada. e até agora eu não tive um curso que proporcionasse essa dinâmica.

**E: tipo um curso de alfabetização?**

A10: Sim.

**A.C.C- a sua percepção do ensino de língua inglesa na escola pública Por que a língua inglesa fica às vezes em segundo plano? não existem duas horas de aulas por semana, não existem muitos encontros, não existe uma carga horária grande dedicada ao ensino de língua inglesa... Na sua opinião por que que isso acontece?**

A10: Sinceramente...eu não sei.

**E: você já parou para pensar nisso de forma reflexiva?**

A10: eu acho que é a política mesmo do estado que não estimula o hábito de ter outra língua, falar outra língua. Na minha percepção, houve maior pressão quando na modernidade houve a necessidade...essa globalização, essa interação, cobrou mais da gente... Mas, o governo mesmo não estimula muito a nós a termos esse hábito de aprender outra língua.

**E: Mas pra você qual a importância da língua inglesa na sua vida hoje em dia?**

A10: assim...Pra minha vida pessoal eu acho que não serviria para nada. agora a gente vê que a globalização e a modernidade nos cobram isso... E a gente tem que ter para o âmbito profissional pra lidar...porque a gente vai lidar com várias outras línguas e o inglês é essencial no âmbito profissional.

**A10: Então, no âmbito pessoal pra você a importância é mínima. (+) mas... além (+) digamos no âmbito profissional...qual seria o papel da língua inglesa na sua vida profissional? pra que você usaria o inglês?**

A10: eu acho que no caso que eu pretendo fazer um mestrado, doutorado...e outra língua poderia ajudar nisso...no âmbito profissional pra saber dialogar.porque pra você adquirir conhecimento você tem que ter o contato com outros povos, outras culturas...e você sabendo a língua é bem mais fácil você conseguir pegar isso.

**E: E você estudou a disciplina de língua inglesa I e II, e nesses dois trimestres, o que você viu de língua inglesa que conseguiu contribuir para a sua vida aqui dentro da Unilab?**

A10: como eu disse a dificuldade persistiu. o que eu aprendi foram poucas coisas...aprendi mais da gramática mesmo...mas na pronúncia a dificuldade persistiu.

**E: imagine um colega seu que estudou no BHU, que tem muito sucesso no inglês, imagine ele ou ela, e diga quais são as características que ele (a) tem que você diz serem as características indispensáveis para um aluno de inglês.**

A10: não sei...o que acho é que depende de cada pessoa. Às vezes eu tenho uma dificuldade maior e aquela pessoa não tem...eu não sei dizer uma característica. o que eu sei é que nós somos capazes. Eu sou capaz de aprender inglês, como ele também é capaz. Mas as características e o ritmo de aprendizagem são diferentes.

**A.C.C- Você acha que a gente aprende inglês como aprende português? ou acontece num ritmo e forma diferentes?**

A10: Sim. Aprende como eu disse... partindo do início...de uma preparação inicial...Aprende sim.

**E: No início você falou que faltava um tipo de alfabetização da língua inglesa...então você já naquela resposta que você me deu você acredita que se acontecesse da mesma forma a gente teria mais sucesso...e mesmo não acontecendo dessa forma que você diz que tem que acontecer para ter sucesso no aprendizado, o aluno que conseguiu aprender inglês e fala inglês tem algumas características. Eu só quero que você me diga pelo menos uma característica que você reconhece como essencial...Por exemplo: um aluno que estuda todo dia, um aluno que tem contato com nativo. que característica seria essa quem é responsável pelo sucesso dele no inglês?**

A10: eu acho que a persistência, a perseverança. Porque às vezes eu quando estou estudando inglês e não entendo nada, às vezes eu volto e penso que não dá pra mim. penso em desistir logo... e a gente tem que insistir.

**E: você se considera um bom aluno de inglês?**

A10: eu tento, mas eu não me considero um bom aluno.

**E: você acredita que será possível aprender inglês de maneira satisfatória aqui na universidade na disciplina de inglês do BHU?**

A10: Não.Porque é como eu disse o método que está sendo utilizado eu já experimentei...eu vi que ele ainda não abrange as minhas necessidades (+) e até já pensei que não vou mais fazer o inglês III(+) vou parar no inglês II mesmo e tentar outro método sem ser aqui.

**E: Quer dizer que você vai fazer inglês fora da universidade?**

A10: Sim, tentar uma preparação inicial do inglês para poder pegar o ritmo.

**E: algo que se adeque mais ao seu estilo. Você teve colegas africanos no inglês I e II, (+) me diga uma coisa...a presença desses alunos estrangeiros facilitou o seu aprendizado da língua?**

A10: não, porque é uma coisa que a gente não dialoga muito...pelo menos na sala e fora também do inglês...a gente dialoga mais sobre o conteúdo da sala do curso do BHU mesmo(+) mas a questão da língua não.

**E: digamos que o professor passa uma atividade na hora uma atividade de classe mesmo... um diálogo com um colega...e o seu colega é estrangeiro...você prefere ficar com o colega estrangeiro ou você muda para um brasileiro?**

E: Eu sempre fico com um brasileiro.Porque os estrangeiros sempre eram minoria na sala.

**E: quer dizer que o professor nunca mudou os grupos, tipo: você, hoje vai ficar com fulano que é guineense, ou você vai ficar com outro aluno de outra nacionalidade?**

A10: não. Na verdade eles sempre tinham os grupos formados...e nas atividades eles se juntavam e pronunciavam o diálogo.

**E: Mas assim na sua concepção você não acha que a presença de alunos estrangeiros possa vir a alavancar?**

A10: sim, com certeza. Porque eles já têm esse hábito de falar mais de uma língua.eu também eu vejo que eles têm maior facilidade por conta do sotaque deles...tudo isso contribui para que eles tenham uma facilidade maior de aprender. E a presença deles se realmente houvesse essa integração com certeza contribuiria.

**E: quer dizer que a integração é altamente contributiva para o processo de aprendizagem de inglês... A integração multicultural...**

**E: como o ensino de língua inglesa tem contribuído para você ampliar a sua perspectiva e compreensão do mundo? Tipo lendo uma notícia em inglês. Como você está usando o inglês para você se tornar realmente uma pessoa mais crítica?**

A10: na verdade o inglês... pelo menos o que eu peguei do inglês, é como se eu não praticasse.eu não vejo muita notícia em inglês...eu vejo mais é filme. Mas essa resposta ai é porque eu não utilizo.

**E: mas você não acha que o simples fato de você já estar tendo contato com outra língua com outra cultura... a cultura justamente dos falantes de inglês, não poderia te abrir mais os horizontes?**

A10: sim, com certeza. a gente perceber que não existe só uma língua e o inglês tem as suas variações, a questão do olhar mais amplo do mundo. Com certeza contribui.

**E: Como você avalia o material utilizado na disciplina de inglês no BHU, você considera bom, regular ou insuficiente?**

A10: No meu caso ele foi insuficiente porque ele não cobriu a minha necessidade, ele veio com um parâmetro muito avançado, porque quando eu fiz o inglês I eu tinha outra perspectiva, eu pensava que quando chegasse aqui eu começaria tudo do zero, mas quando cheguei aqui já fui logo pronunciar...saber números, cores, e o essencial mesmo, o início. Por isso achei insuficiente nesse ponto.

**E: E os recursos midiáticos, ou seja, o uso de computador, uso de internet, uso de aparelho de som, você considera bom regular ou insuficiente?**

A10: foi bom. Contribuiu. O professor usava vídeos, músicas, para estimular e fixar melhor a pronúncia.